MOA SIPRIANO

POLTRONA 47

moasipriano.com

POLTRONA 47

Moa Sipriano

Poltrona 47

Foi em setembro de 1999 que descobri os prazeres do sexo nas entranhas de um público veículo motorizado.

Minha rotina até aquela madrugada havia permanecido inalterada durante anos. Eu deixava minha casa todos os dias por volta das sete da manhã. Uma viagem tediosa de pouco menos de uma hora separava meu doce lar em Lovland até o meu estúdio, do outro lado da ponte. Naquele dia trabalhei comum e corrente, apesar do meu humor permanecer embaixo das solas dos meus Adidas, pois chovera boa parte do dia, atrapalhando a sequência de imagens externas que eu havia planejado durante semanas a fio. Definitivamente, eu havia autorizado Dona Melancolia a permanecer engalfinhada no meu pelúnico ser insosso.

O último ônibus que liga a civilização dita "moderna" ao paraíso sossegado onde eu morava fugia do Terminal Rodoviário da Cidade Cinzenta onze e quinze da noite.

Numa quinta-feira pra lá de maldita, após um dia inteiro de chuvas desnorteadas, o caos havia tomado conta das ruas no entorno do depósito busínico.

Por milagre, cheguei onze e dois. Esbaforido, comprei minha passagem e logo no guichê fui avisado que todas as linhas estavam atrasadas. Mais um motivo para desenrolar de vez minha tromba nada discreta.

Arrastei os passos até a plataforma de embarque. Escolhi um banco longe de qualquer espécime humano e aproveitei o momento para esquecer o dia tenebroso. Meus olhos ainda refletiam os flashes do estúdio espocando sobre meus sensuais modelos metálicos.

Surpreendentemente, havia poucas pessoas transitando pelo terminal. No intervalo entre algumas cochiladas, eu dirigia meu olhar de trutas mortas para a plataforma Número 4. Ela permanecia cravejada de gatos pingados e distante da minha realidade invernal. O resto do meu não humor já havia evaporado em algum ponto obscuro entre o estúdio e aquela central de resgate de gado zumbi.

* * *

Duas horas da manhã. Finalmente surgiu o Pássaro de Prata. O ronco do motor eletrizou as treze pessoas que aguardavam, impacientes, o direito de embarque.

Disputei com o motorista qual a pior carranca do dia. Ele ganhou a nota máxima, pois quando desafiei seu semblante, meu estado deplorável parecia luminoso numa comparação direta.

Como não havia nenhuma dificuldade para escolher uma poltrona vazia, tomei a liberdade de atirar meus restos na “cozinha”. Sorteei a de número 47.

Joguei minha mochila na poltrona ao lado, para evitar a companhia de um Encosto da Silva inconveniente.

Abri um pouco a janela – eu necessito de ar concentrado e estúpido a salpicar minha fuça peluda –, reclinei o banco ao máximo e tentei relaxar um pouco, pois minha intuição insistia em confirmar que levaria, pelo menos, duas intermináveis horas até eu abraçar meu doce lar.

A chuva intensificou seu ataque. O bramido produzido pelas gotas furiosas que açoitavam a lataria de alumínio do velho ônibus fez com que minha mente deslocada embotasse de vez. Adormeci. Não sei por quanto tempo.

O percurso até Lovland costuma ser bem tranquilo, isento de novidades. A estrada, a pouco recapeada, parece um tapete. O rodar é macio e convidativo. Acordei no balanço das poucas curvas acentuadas que fazem parte do meio do trajeto.

Ao despertar, notei que na fileira imediatamente à minha frente, à direita, havia um senhor sentado numa posição um tanto afetada demais, com suas gorduchas pernas cruzadas e um olhar gaviônico fixo em mim; o conjunto da obra exibindo delírios incompreensíveis. Uma atitude muito estranha aos meus olhos pudicos.

Ele parecia bem ansioso com o despertar do Belo Adormecido.

O homem acenou – muito afetado – com um leve toque da mão esquerda, acariciando o ar pesado. Por instinto, retribui o gesto atrelado a um sorriso de poucos amigos. O Pássaro de Prata continuava seu vaguear precavido, pois a chuva aumentara cada vez mais sua autoridade sobre seus domínios.

A visibilidade era nula. Espreguicei o corpo para animar meus sentidos. Notei que o homem não tirava os olhos de mim-eu-mesmo. Levantei-me para esticar um pouco as pernas, já que a dez por hora senti que não perderia o equilíbrio ao permanecer em pé durante alguns segundos.

Por precaução, aproveitei para colocar minha mochila no bagageiro superior. Ressabiado, voltei ao meu buraco de origem. Na penumbra, o estranho reflexo daquele olhar inanimado me promovia uma nova onda de calafrios.

De costas para o Incômodo, passei lentamente a palma da mão no vidro embaçado. Senti uma presença. Virei o rosto e o homem estava em pé, servindo-se de um copinho descartável na máquina que estava posicionada exatamente ao lado da poltrona vazia onde antes repousava minha envelhecida mochila.

Ele sorveu um café certamente morno num só movimento quarenta e cinco graus e seu dedinho apontava para um céu imaginário.

Dirigiu o safado sorriso gliterizado para mim. Sentou-se ao meu lado, sem solicitar autorizações. Não houve palavras. Nem currículos. Muito menos falsas e convenientes apresentações pessoais.

Paralisado, não tive tempo para regular minha poltrona numa posição ereta, adequada, segura. Senti que estava atado a uma cama estreita, aguardando o eminente atentado à minha privacidade, ao meu corpo e aos meus sentidos hipócritas.

Oh, Dona Química. Onde está você?

Quando acordei do que eu julgava ser um pesadelo, Afetado acarinhava minha mão. E naquele exato segundo perdi o bom senso da realidade.

Lembro-me dos seus lábios atrevidos tocarem meu pescoço. Em seguida, a ponta de uma língua açucarada alinhavou contornos precisos na vastidão da minha orelha direita.

Decidido, Afetado segurou meu rosto indefeso e finalmente forçou o beijo. Longo, doce, muito carinhoso. Eu permaneci sem reação alguma, somente receptivo ao jamais previsto prazer proporcionado por um velho babão.

Suas mãos ágeis percorriam meus músculos travados. Nossos sexos imploravam por deixar seus invólucros de linho e algodão.

Ele levantou minha camisa sem nenhum esforço. Sugou e mordeu meus mamilos, sem se preocupar com os espessos pelos cactos que protegiam meu peitoral alumínio.

Enquanto aguilhoava meu coração com seus dentes artificiais, suas mãos abriam outros caminhos, desatando o cordão e baixando o tecido macio do meu confortável agasalho esportivo.

Sua boca descia pela vereda da perdição, em busca do meu sexo que já sonhava com aqueles lábios rebolantes, surtados em movimentos ritmados.

Foi impossível determinar reações. Quando dei por mim, minhas vidas jorravam em longas golfadas no profundo ácido daquela boca afrescalhada e masculina, dona de lábios delicados e língua viril. Minhas mãos quase sufocaram Sessenta, pressionando sua cabeça rala de encontro ao meu saco hirto.

Inspirei com dificuldade. Meu hálito embaçava ainda mais todas as janelas do valente ônibus capenga. Afetado endireitou o corpo e ajeitou os poucos fios oleosos. Seu olhar infantil implorava mais um beijo, o qual foi prontamente atendido, por pura piedade. Senti meu gosto acre misturado com o aroma do café ancestral.

As luzes da ponte que ligam o Continente à ilha de Lovland cegaram momentaneamente meus receios. Afetado se levantou. Numa reverência fora de prumo, beijou isento de cerimônias a minha testa arredia, gélida e afogueada. Notei

em seu rosto uma espécie de agradecimento. Senti que eu havia lhe proporcionado algo especial, mesmo sem ter a mínima noção até o momento do que havia acontecido nos seios da Verdade. Ele voltou a ocupar sua respectiva poltrona, como se nada fora da norma tivesse ocorrido.

A chuva diminuíra sua potência. Havia se transformado em insistente garoa.

Quando chegamos ao último ponto, Afetado desceu como se nunca tivesse me visto em suas vidas. Foi um choque sentir sua completa indiferença em relação à minha pessoa, pois durante (in) temporal hora e meia parecia que éramos dois amantes insaciáveis desfrutando as delícias de um prazer que só o Homem consegue proporcionar a outro macho.

Acompanhei seus passos militares até um Golf branco, do outro lado da rua. Do seu interior saiu uma bela mulher, delicada nos seus aparentes quarenta anos. Vi o beijo frio trocado pelo casal. Ele selou com lascas da minha porra aquele inocente rosto dorminhoco, do lado direito.

O machão egoísta não mais afetado roubou a direção, enquanto a mulher submissa rondava o carro para ajeitar-se em seu devido lugar. Naquela *matrix* era ele a ditar todas as regras ultrapassadas.

Caminhei um tanto decepcionado até minha casa. Meu péssimo humor havia se transformado em dúvidas do êxtase. Confesso que curti demais a experiência meia-foda daquela madrugada perdida no espaço.

Sentia meu corpo encharcado esfriar a níveis assustadores enquanto eu arrastava meus passantes exaustos. Sorte que faltava pouco para chegar ao meu aconchegante labirinto. Apesar dos pensamentos sem respostas que dominavam minha mente durante o dolorido trajeto até minha residência, um forte desejo se avantajava em torno dos meus *chakras*, pois eu queria viver outra vez aquela aventura recém-descoberta.

Eu jamais poderia imaginar que tal objetivo se transformaria numa vontade incontrolável…

… com o passar dos anos.

Gotas na Janela

Meu nome é Fons Friedbürc. Estou na casa dos Trinta. Sou fotógrafo e minha especialidade é enaltecer beldades da indústria automobilística.

Adoro carros desde pequeno, mas por alguma ironia celestial, até hoje eu não sei dirigir. Na verdade, nunca precisei torrar minhas madeixas com um detalhe tão insignificante. Sendo sincero, isso agora não demanda importância alguma. Eu prefiro confiar minha existência nas mãos de motoristas pra lá de experientes.

Moro em uma ilha. De acordo com a lenda, ela foi colonizada por alemães que abandonaram os arredores da Cidade (hoje) Cinzenta, situada no joelho do Segundo Sul Continente, e aportaram por essas bandas no ano de 1938.

Lovland é um pedaço do paraíso banhado pelo Atlântico. Uma terra ainda bem preservada, rodeada de floresta exuberante e surpreendentes praias de areia creme, límpidas, de toque aveludado. No destaque, quase no centro da ilha, eleva-se o Monte Weistüdorf, imponente e soberano.

* * *

Certa manhã, numa quarta-feira de junho, o telefone apitou em horário não habitual. Era o meu amigo, Doug.

Representante oficial de uma famosa marca alemã de carros de luxo, ele era proprietário de concessionárias espalhadas por inúmeras cidades do lado de lá da ponte. Um novo modelo de gala acabara de aportar com exclusividade no Terceiro Mundo. O Turbo certamente merecia grande destaque em eventos e catálogos padrão douguiânus.

Meu cliente mais antigo intimou minha presença – pra ontem! – a fim de fotografar sua joia mundial na loja número três, durante um evento oba-oba a deliciar os Cinzentos endinheirados.

“Não, Doug, não precisa mandar ninguém vir me buscar em casa. Quero atravessar a ponte de ônibus”, eu repeti – pela trigésima vez – ao meu ansioso patrãozinho mimado.

Acertamos metade dos detalhes por telefone.

Chegar até a Cidade Cinzenta levaria por volta de uma hora. Um dos funcionários douglumpas fora designado para me aguardar no Terminal e em seguida desovar minha insignificante pessoa num hotelzinho charmoso que ficava bem próximo da concessionária doze estrelas.

No dia seguinte, logo depois do meu primeiro café sem açúcar, preparei e revisei meu equipamento. Joguei tudo na velha mochila de lona, amiga inseparável.

Liguei para minha mãe, que mora no lado sul da ilha, avisando-a que talvez eu me ausentasse por dois dias. Tirei o resto da tarde para ver alguns filmes "de arte" e me acabei na punheta até meu pau pedir arrego.

Cheguei quarenta minutos antes do horário marcado. Comprei minha passagem e me sentei num banco de concreto próximo ao local do embarque.

Abri a mochila para pegar meu iPod, coloquei os fones e selecionei "Dido" para viagem na tela do diminuto cristal encantado.

Assim que o ônibus ocupou seu devido lugar, fui o primeiro passageiro a embarcar. Pelo horário – nove da noite –, havia pouca gente disposta a enfrentar o frio daquela quinta-feira triste numa esticada até o continente. E como não podia deixar de ser, algo fez com que o ônibus atrasasse sua partida. Típico.

"Droga", pensei. "Com certeza vou tomar um belo sermão quando chegar ao hotel."

Comecei a rir, tapando a boca para abafar o som cretino, imaginando o rosto corado e a barriga descomunal de Doug em movimentos disformes, agindo como um Noia no quinto ato de uma dança contemporânea coreografada por algum bailarino lobotomizado, ligando novecentas vezes para a recepção, na esperança de confirmar minha chegada triunfal. Doug simplesmente cheira carreiras de estresse, pouco lhe importa se os compromissos estão organizados a contento. Ele vive afobado, como se o mundo fosse desabar sobre sua cabeça-escovinha nos próximos cinco minutos.

Alguns passageiros conversavam entre si, tentando descobrir o que provocara a demora do motorista em assumir seu posto. Eu curtia minhas músicas, enquanto meu olhar se perdia na moderna construção exterior em ferro e concreto aparente, que destoava de toda arquitetura enxaimel no restante da ilha.

Vi dois rapazes chegando aos trancos, muito apressados. Notei quando um deles, o loiro, foi até o guichê, galopando a passos truculentos, tirando em um movimento seco a carteira do bolso da Levi's desbotada.

O outro rapaz parecia acabrunhado. A cabeça estava pendente para o lado esquerdo da lua e seus olhos miravam o frescor do asfalto molhado. As mãos enfiadas no bolso da calça de veludo se escondiam do vento cortante. Percebi que ele havia chorado. Ambos não estavam em harmonia.

O loiro veio em sua direção, com uma passagem na mão e um envelope de papel pardo, na outra. Levantou o rosto do parceiro num movimento brusco. A cena me entristeceu.

O deprimido moreno pegou a passagem e o envelope, sem demonstrar nenhum tipo de emoção. Houve um frio aperto de mãos, seguido de palavras certamente falsas, triviais, fora de contexto.

Mochila nas costas, o moreno e miúdo rapaz embarcou no meu ônibus. Ele aprumou suas dores três fileiras à frente, à minha direita.

Finalmente partimos. Acabei relaxado por alguns minutos, agora embalado ao som de India Arie. Quando acordei, vi que já havíamos cruzado a ponte que separa minha doce Lovland do resto do mundo malvado.

Levantei um pouco a cabeça. Achei que o moreno estava dormindo. Porém minha intuição insistia em me cutucar, indicando que ele permanecia bem acordado... e chorando!

Não resisti. Um leve impulso. Eu já estava em pé. Capengando, fui ao encontro do coitado, sem me importar com os curiosos que ronronavam no couro convidativo.

“Olá. Você quer conversar?”, sussurrei, notando espanto em seu olhar frágil ao me encarar, ressabiado. Sem destilar palavras, ele fez um sinal de “tanto faz”, indicando que eu poderia me acomodar na poltrona vazia.

Apesar da penumbra a colorir o interior do coletivo, pude perceber que ele realmente havia se banhado em lágrimas. Seu rosto estava inchado. As luzes da estrada reproduziam cortantes faixas luminosas em suas faces, devido à velocidade inconstante do veículo furioso.

Trocamos as tradicionais apresentações. Mas ele se recusou a me dizer seu nome. Sem demora, contei-lhe que havia visto toda a cena antes do embarque. Ele voltou a soluçar. Por instinto, puxei sua cabeça de encontro ao meu ombro, destilando carinho fraternal. E na coreografia de um abraço entre primos, permiti que ele descansasse o corpo, dissipando suas tensões em meu convidativo peito afofado.

As vagabundas luzes internas do Pássaro de Prata se acenderam assim que encostamos no destino final. Despertei um tanto irritado, pois estava num transe gostoso e distante; a mente a viajar por outros belos homouniversos.

Uma senhora dirigia um intenso olhar de reprovação para mim. Acredito que ela passara minutos eternos tentando entender aquela situação.

Meu jovem moreno ainda sonhava. Desfazendo o abraço num único e gracioso movimento, eu o coloquei ereto no seu lugar. Voltei à minha poltrona para apanhar minha mochila. Quando retornei, Miúdo já estava bem desperto. Como um perfeito cavalheiro, esperei que ele pegasse seus poucos pertences. Abri passagem à minha frente, permitindo que meu protegido desembarcasse primeiro.

Em solo firme e debaixo da luz fria do terminal, pude admirar sua beleza ursina. Uma aparente timidez e algo em sua fragilidade haviam me conquistado de imediato.

“Bom, obrigado pelo apoio… e carinho”, ele disse, mal conseguindo me encarar.

“Para onde você vai?”, perguntei e minha expressão demonstrava certa ansiedade.

Antes que ele pudesse me responder, senti um toque pesado no meu ombro esquerdo. Era Doug suando em bicas, apesar do frio envolvente.

Mesmo sem um pingo de necessidade, eu deduzi que ele mandaria um funcionário seu a me escoltar. Mas percebi pelo olhar inquieto do meu fiel e querido cliente-amigo que nada no mundo impossibilitaria sua presença certeira comigo naquele momento, para que acertássemos todos os detalhes das fotos que eu criaria na manhã seguinte.

Sempre foi assim. Ele adorava “dar opiniões” no meu trabalho e indicar quem eu deveria destacar – fora os carros – nos seus eventos. Como seu eu já não soubesse de antemão tudo o que eu deveria cumprir em berço esplêndido.

“Vou ficar no Luther Inn, aqui mesmo, no Centro”, eu disse, entrecortado, ao moreno.

Desde que desisti de manter um estúdio, o Luther era o único hotel em que eu me hospedava quando era obrigado a ficar na Cidade Cinzenta.

Debaixo da impaciência de Doug, entreguei ao ursinho o meu cartão pessoal, tomando o cuidado de anotar rapidamente em linhas tortas e letras tremidas o segundo número do meu novo celular.

* * *

Na manhã seguinte, após finalizar minha perfeição profissional, com o braço doendo e a ponta do dedo esfolada de tantos *clics*, foi uma bênção poder atolar o meu Vazio num revigorante banho morno e logo depois deitar como vim ao mundo na cama sólida e convidativa do meu querido Quarto 28.

Ainda ecoava na minha mente o impecável set do DJ escolhido para comandar a festa e as horrendas vozes e poses das peruas e vacas ricas espalhadas no local de lançamento do fantástico carro mundial.

Que dádiva me livrar do maldito cheiro de cigarro a empestear meu corpo. Detesto eventos sociais. Gosto da companhia das máquinas, não das pessoas.

Fiquei bom tempo brincando com o controle remoto. Eu via sonolentas imagens pulando na tevê, mas me recusava a ouvir qualquer nível de áudio noticioso.

Assustei-me quando o interfone soou seu típico trinado. Levantei o braço direito e, preguiçoso, alcancei o dito-cujo do aparelho. A voz meio afetada e pedante do rapaz da recepção soletrou que havia alguém que desejava me ver.

"Pode subir", confirmei no automático, com uma certeza colossal de que era mesmo o meu moreno miúdo. Aguardei menos de dois minutos, quando duas batidas secas anunciaram a inesperada (porém aguardada) presença. Abri a porta, envolto numa toalha cor creme. Olhos esverdeados perscrutavam meu rosto pimentão. Eu o convidei a entrar.

"Pensei em você a noite inteira", disse o jovem deslumbrado, enquanto se sentava na beira da cama de casal, sem um pingo de vergonhas.

"Então… o seu nome é Erin?", eu disse, com um boboca sorriso orgulhoso estampado no rosto. Permaneci em pé, bem na frente do meu Desejo.

"Quero você!", ele cuspiu nas minhas retinas. E rapidamente se apossou da minha toalha, atirando-a sobre o carpete chumbo.

Sua boca engoliu de uma só investida o Grande Fons. Ele crescia e tomava a forma colossal que tanto me orgulhava, enquanto a experiente garganta de Erin me conduzia ao Olimpo.

Segurei sua cabeça, refreando selvagens movimentos sensuais. Enverguei meu corpo deliciosamente suado, ficando no mesmo nível do seu olhar, dando-lhe em seguida um guloso e demorado beijo, entrelaçando línguas numa batalha sem perdedores.

Passado sete minutos, lá estávamos deitados, nus, na cama, em *delirium tremens*. Então foi a minha vez de descobrir todos os sabores daquela carne vinte e dois. Comecei a mordiscar seu pescoço e minhas mãos agarraram com força aquele urso um e sessenta, não permitindo outros movimentos programados daquele diabinho tímido. Naveguei a ponta da língua áspera pelas costas repleta de pelos acetinados, até chegar à mata que cobria suas aromatizadas partes baixas.

Erin abriu suas nádegas, convidando-me a penetrá-la com minha primeira ponta afiada. Beijei e mordi e chupei cada centímetro daquela generosa região de boa carne pelúnica. Após deliciar-me com a fartura, o ursinho veio por cima de mim, procurando avidamente minha boca. Entre beijos apaixonados e guturais alfinetadas em nossos lábios, ele me convencia que há muito tempo não praticava o sexo como tudo deve ser.

Era patente que naquele dia ele desejava "desforrar" por todo tempo que havia sido submisso e infeliz sexualmente ao lado do ex-companheiro.

Na loucura do sobe-e-desce de línguas e chupetas e cunetes, eu acumulava certezas de que, perdido na ilha, o loiro aguado certamente coçava as orelhas fumegantes enquanto Varapau e Catatau se consumiam numa fodaria desesperada.

Fiquei maravilhado ao contemplar na mão esquerda do meu ursinho um preservativo já fora da embalagem. Mágica!

Com a boca, Erin colocou-o em meu báculo. Lubrificou meu membro severo com a língua pingante e numa velocidade fora do comum eu já estava todo fincado nele. Os movimentos de uma cavalgada em cruento sincronismo faziam com que os sentidos fugissem em disparada do meu espírito não mais tenso.

Não havia tempo para relembrar passados. O que valia era o ménage à trois com o Prazer, além de concretizar todos os nossos desejos. Sem julgamentos.

* * *

No começo da noite, após o lauto jantar na casa suntuosa do meu empregador satisfeito, assim que retornei ao Terminal meus pensamentos continuavam fragmentados em demasia. Eu tentava reconstruir o que havia acontecido no hotel, mas não demorou muito para desistir da empreitada.

Nós trepamos feito endemoniados. Foram horas de inspiradas insanidades e corpos com personalidades e cheiros trocados. Eu tomava um banho para recuperar meu pau do baque e já sonhava em poder "namorar" meu ursolindo que ofegava a sono solto, cultivando na minha cachola emotiva a esperança de conhecê-lo socialmente.

No meu intervalo de tempo solitário, entre meditações e espumas, Erin simplesmente havia… evaporado!

Nenhum vestígio da sua presença, a não ser o cheiro do seu perfume de supermercado que ficou retido dentro do meu quarto alugado.

Passei o resto da tarde sozinho, remoendo culpas, tentando entender o que eu não queria saber.

* * *

Ao entrar no ônibus, rastejei feito um zumbi para a "cozinha". Abri a porta do banheiro, conferi meu rosto no espelho. Voltei e desabei meus restos na Poltrona 47. Eu estava cansado no espírito, mas satisfeito no corpo que ainda vertia sensualidade e volúpia.

Normalmente, no trajeto que vai do Continente a Lovland, o ônibus costuma fazer duas paradas estratégicas para embarque e desembarque de passageiros, sendo

a última um pouco mais demorada: por volta de dez minutos de duração, devido ao carregamento de pacotes e encomendas e demais despachos loveanos.

Eu havia descido na segunda parada para comprar uma Coca-Cola na única máquina decadente da insignificante bodega oculta antes da ponte.

Quando regressei ao Pássaro de Prata, quase me afoguei com o líquido gaseificado. Erin estava sentado no *meu* espaço!

Ao me aproximar, um milhão de questões fervilhavam em todos os meus poros. Quando manifestei o desejo de um diálogo, ele tocou secamente meus lábios com a palma da mão que fedia a cigarro mentolado, silenciando minhas dúvidas.

Eu não conseguia encontrar razão lógica para o reencontro. O que ele fazia ali e nem como poderia saber que eu embarcara naquele ônibus, naquele horário. *Gsuis*, tudo fugia galopante na periferia do meu Mau Senso.

Vi que minha mochila estava no bagageiro. Sentei na janelinha, passando por cima do corpo tesudo do peludo indecente. Ele ria do meu espanto. Em silêncio involuntário, terminei meu refrigerante, tentando colar os pensamentos quebrados. O ônibus voltou a rodar e a seguir seus desígnios.

Estávamos sozinhos ao fundo. Havia umas quinze pessoas espalhadas pelo interior, mas ninguém próximo a nós dois. Um misto de revolta e desejo se apossou de mim-eu-mesmo. E o Desejo bramiu sua rouca personalidade.

Para espantar meu transe ridículo, Erin estapeou meu rosto, puxando-o em sua direção. Dominado, voltei a sentir o gosto melado do seu beijo seco. Suas mãos ágeis fecharam a cortina ao meu lado, impedindo a passagem da luz dos Idiotas.

“Vire-se”, ele grunhiu. Era uma ordem militar.

Minha mente não respondeu, mas meu corpo agiu por instinto, submisso.

Aquele ser agarrou-me e começou a beijar minha nuca. Eu usava um agasalho esportivo e não foi difícil para o moreno miúdo abaixar minha calça até a altura dos meus alvos joelhos craquelados.

Senti o som da embalagem sendo dilacerada. Logo em seguida pude confirmar algo úmido a preparar minha intimidade. Dois dedos a me penetrar o vão entre as pregas. Aquilo me deixou neurótico de vontades. Liberei minha libertinagem. Erin podia realizar o que bem entendesse comigo.

O cheiro do frutado látex umedecido com o KY invadiu nosso meio. Com certa dificuldade, devido ao pouco espaço existente e não à minha resistência física, demorou alguns minutos para que Catatau estivesse completo em meu interior-kilauea.

Que loucura! Alguém poderia usar o banheiro, pensei. Ou tomar um café ou chá ou água, pois a máquina que servia essas bebidas estava roçando a bunda dele!

A verdade é que fomos cuspidos para outra dimensão. Erin intensificava seus movimentos pingados contra o meu rabo branco. Suas mãos pequenas tentavam se apoiar em meu corpo repleto de músculos naturalmente definidos.

Senti dor quando ele finalmente gozou. Não pela penetração em si, mas devido às suas mãos arrancando os pelos de meu peito na hora do seu êxtase.

"Agora estou satisfeito", ele sussurrou, exausto, bem no fundo do meu ouvido direito. Gotas do seu suor escorriam pelo meu pescoço arrepiado.

Ele ajeitou a calça e senti que havia se desfeito da camisinha engordadoida, jogando-a numa discreta lixeira que havia embaixo da máquina que estocava as bebidas.

Nonsense, eu comecei a rir, imaginando a cara de espanto do velhote da limpeza quando abrisse o tal compartimento.

Percebi quando ele se levantou. Permaneci numa posição fetal. O riso oculto deu lugar à apreensão indubitável. Meu rosto tonteado estava grudado no vidro aquecido. Erin me ajudou a aprumar meu agasalho. Permaneci submisso. Senti o afastamento definitivo do meu urso pardo.

Eu não tive coragem de olhar para trás.

* * *

Ao chegarmos à ilha, deduzi que Erin fora o primeiro a desembarcar, pois mais uma vez não havia sinal da sua materialidade dentro daquele gasto alumínio sobre rodas.

O que ele veio fazer na minha Lovland? Se redimir perante o loiro idiota?

Já em casa, banho tomado, paraíso relaxado, com uma xícara repleta de aveia, banana picada, mel e leite de soja à mão, ouvindo Lisa Gerrard, permaneci durante horas estatelado num pufe dinossáurico, olhar fixo diante da janela da sala, que proporcionava uma reconfortante vista para o meu jardim secreto e minha rua discreta recheada de lares evangélicos.

As pequenas gotas que rolavam em todas as faces escorriam até o queixo repleto dos primeiros fios de vindouros três dias de necessário relaxo, repousando sonolentas sobre a camiseta branca estampada com a imagem serigráfica do belo rosto de Marian Gold.

Erin fora uma experiência muito excitante. Pena que não houve tempo para conhecer a pessoa escondida atrás da dor de uma recente separação.

Pena que eu fora usado como ato de vingança de um amor (amor?) que não deu certo. Pena saber que outros sujeitos serão vítimas descartáveis até que a raiva e a dor e o medo e a tristeza desvaneçam do seu moreno coração miúdo.

Erin, cuide-se!

Eu ficarei numa boa (estou mentindo!), recordando nossas performances profanas no Luther, bem como as espessas marcas sagradas que carimbei na janela ao lado da Poltrona 47.

Minhas…

… gotas na janela.

Irmão Boreen

Não suporto Verões.

Tenho que agradecer aos céus pelo meu esconderijo ser numa ilha onde a temperatura se mantém agradabilíssima durante boa parte do ano.

Venero as sombras das árvores nos arredores da minha propriedade. Adoro o piso frio de cerâmica da minha casa de madeira.

Quando chega o inverno, eu deliro em ascendente felicidade durante a curta temporada. Amo o frio. Sou fanático por blusas de lã concebidas à mão.

Entro em sintonia com as Galáxias quando fico acariciando os pelos acobreados do Bernadette, meu pequerrucho gato vira-latas, durante horas sem fim enquanto *Hair*, *Yentl* ou *West Side Story* bailam e cantam pela tricentésima vez no monitor de plasma chumbado na parede da sala.

Chocolate quente e bolos e tortas afogados em recheios variados completam o que considero um inverno irretocável. Sorte que não mantenho desavenças com a Dona Balança ou mesmo o Sr. Diabetes, aquele andrógino maligno.

* * *

Ao receber o telegrama de um cliente naquela tarde gelada, senti uma pontada de amargura ao saber que eu deveria fotografar uma série de veículos *off road* para a revista 4CE lá nos cafundós da Cidade Cinzenta.

Eu não cultivava o mínimo pique para viajar ultimamente, desde que eu havia vendido meu estúdio e desfeito a sociedade e certos compromissos que me amarravam quatro dias por semana na maldita cidade sem cor.

Só de recordar a bagunça da zona de concreto que está conectada a Lovland por uma ponte metálica… *Argh!*

A Cidade Cinzenta é uma mini Calcutá pequimamêsca. Um contraste gritante com a harmonia e serenidade da minha ilha alemã, lugar dos sonhos para homens que escolheram viver solitários por vontade própria. Além disso, só de imaginar o poluído calor insuportável do lado de lá, mesmo em julho… *Argh!*

A temperatura e a maioria das pessoas andam realmente malucas nos últimos tempos.

Liguei para o Terminal Rodoviário a fim de confirmar os novos horários do ônibus que une minha Lovland ao continente purgatório.

Eu confesso: adoro o interior de um ônibus. Um vasto laboratório a ser explorado. Dezenas de pessoas interessantes, poucas envolventes, cada uma com sua

história peculiar. Toda vida é fascinante. Gosto das surpresas reveladas durante um encontro forçado, já que precisamos conviver com o parceiro do lado, cúmplice das boas afinidades ou dilacerantes agonias. O desafio de um casal enamorado ou divorciado a compartilhar o mesmo retângulo muitas vezes por horas e horas e horas.

* * *

Deixei minha querida ilha no final da tarde de terça-feira. Renasci do outro lado após quarenta e nove minutos. Do segundo terminal, eu partiria para o sertão da cidade, meu destino derradeiro.

A segunda parte da viagem – que deveria durar menos de uma hora – transcorria sem novidades, nem imprevistos. Por obra da minha escolha, permaneci novamente sozinho na Poltrona 47. Não conversei com ninguém. Apenas cumprimentos vazios trocados no corredor ao embarcar.

Ao chegarmos quase à metade do caminho, durante uma turbulenta parada para o embarque de novos passageiros, resolvi descer rapidinho para caçar uma Coca-Cola, meu segundo vício. Quando voltei ao meu assento, havia um grisalho de baixa estatura, concentrado na leitura de um pequeno livro de folhas amareladas e capa escura, provavelmente azul-marinho.

Ele aparentava um estado de meditação. Eu permanecia em pé ao seu lado, esperando que sua atenção fosse dirigida até minha rabugenta pessoa. O santo parecia ignorar por completo minha bufante presença.

Indignado por ele ter escolhido justamente o meu espaço, perante outros nove ou dez buracos vazios, pigarreei sonoramente. Com uma serenidade irritante, o homem levantou o rosto e sorriu para o meu cavanhaque. Ele encolheu as pernocas para que eu pudesse preencher o meu lugar cativo.

“Adoro o cheiro da alfazema”, ele cantarolou, assim que eu me sentei.

“Sou irmão Boreen, como vai você?”, esticou-me a mão rechonchuda para um cordial cumprimento.

“Meu nome é Fons Friedbürc. Eu estou muito bem. Nunca saio de casa sem um toque de Alfazema”, cumprimentei o santo, espantado pela força dos seus dedos a consumir minha tensão.

“Agora estou me sentindo muito melhor, após um merecido refresco.”

“Vamos ganhar o mesmo destino?”, ele me perguntou com um sorriso curioso, ignorando minha latinha suada.

“Vou visitar um parente adoentado”, ele disse antes mesmo que eu esboçasse qualquer resposta.

“Eu sinto muito, irmão Boreen. Espero que não seja nada grave”, repliquei com sinceridade, pois não suporto a presença da Dor alfinetando as pessoas.

“Sim, vamos para o mesmo lugar. A propósito, sou fotógrafo. Estou viajando para realizar um trabalho…”, continuei, tentando emendar assuntos.

O comentário sobre minha profissão e especialidade fez com que um cometa iluminasse o rosto arredondado daquele homem santo:

“Eu aprecio muito a arte de fotografar, Fons. Muito mesmo. Mas prefiro imortalizar pessoas em luz e sombras, não carros inanimados!”

Gastamos o tempo conversando sobre fotos e filmes e máquinas. Tive uma interessante aula prática de técnicas de iluminação natural para realçar belezas rústicas. Em troca, dei-lhe alguns conselhos sobre fotografia digital, uma tendência irreversível.

Irmão Boreen era um homem bonito, educado acima da média e tremendamente simpático, como a maioria dos homens enclausurados, eu imaginei.

Os misteriosos olhos castanhos mantinham perfeita harmonia com o rosto porcelanado, circular e divertido, porém repleto de traços marcantes. O queixo talhado a lascas de granito, a pele de um branco que ignorava a existência do sol e os cabelos grisalhos que um dia certamente foram petróleo lhe impunham um falso ar austero. O corpo, apesar da compacta estatura, era proporcional. Não havia sinais de barriga proeminente. Imaginei coxas grossas e firmes. O peitoral alheio me chamava todas as atenções. Senti desejo por aquele homem. Uma vontade insana em transgredir as regras. O pecado mora realmente ao nosso lado.

A primeira parcela da noite chegou de supetão. As estrelas haviam tirado férias, pois o céu estampava um breu aterrorizante. Eu não encontrava minha amiga, Lua Crescente.

Irmão Boreen levantou-se para guardar seu livro, o qual ele chamava de “Regras”. Em pé, ao meu lado, minha curiosidade em saber o que havia debaixo daquele saiotão marrom tornava-se irresistível, enlouquecedor.

Uma cordinha branca pendia ao lado da cintura, amarrando o espírito solene. Notei pequenos nós no pedaço de sisal que caía do lado esquerdo daquela escultura beneditina, franciscana, *hare krishna hare hare*, sei lá eu. As amarrações me lembravam de distorcidas pecinhas de Lego fora de validades.

“O senhor é obrigado a usar esse vestidão?”, perguntei-lhe assim que ele voltou a aprumar a santidade na sua poltrona.

“O ‘vestidão’ chama-se Hábito!”, disse, entre risos tediosos, o pedaço de gostosura.

“E o que vocês usam por baixo desse pano medonho?”, após escapar a última palavra sem refrear minha ignorância, senti meu rosto afoguear em vergonhas pela falta de respeito àquele homem santo.

“Descubra você mesmo!”, ele me desafiou, pegando minha mão e conduzindo-a para debaixo do tecido espesso, amarrotado, convidativo.

A santidade caiu por terra. O santo nada usava por baixo de seu vestido sagrado. Nada de roupa íntima, tapa-sexo ou coisa parecida. Tudo o que meus dedos vacilantes encontraram foram pernas peludérrimas e coxas suspirantemente macias.

Toquei no seu sexo. Ele estava bem acordado.

“Não precisa se sentir envergonhado, meu caro rapaz...”, ele tirou delicadamente a minha mão debaixo do seu tecido, beijando a palma fria e trêmula. “Monges também fazem amor!”

“Mas vocês não devem se manter castos ou coisa parecida?”, minha dúvida era sincera, porém recoberta de tabus idiotas.

“Eu repito, querido Fons: muitos monges são adeptos do fazer amor e não sexo!”

Irmão Boreen percebeu a confusão que pairava nas minhas retinas embaçadas.

Ainda segurando minha mão, o pecador que não era santo observou o mundo à nossa volta. Estávamos sozinhos na última fileira de bancos. Adiante, algumas pessoas conversavam em voz baixa. Notamos um casal que assistia o final de um filme com Michael voltando para o futuro, em uma tela minúscula, mas bandeirosa, de uma Casio em fim de carreira.

“Não devemos misturar nossa vocação religiosa com o que escolhemos ser na intimidade”, disse o monge, com a boca colada ao meu ouvido.

Sua voz pausada, sedutora e segura, aliada ao seu hálito de menta excitava-me sobremaneira. Meu sexo explodia dentro do agasalho Adidas.

“Independente do que é pregado em nosso meio, nada pode superar o que escolhemos ser nos enredos da sexualidade. Saiba que existem vários níveis de sexualidade. Desde o mais baixo e grotesco ao mais puro e divino. Amamos Jesus Cristo e o Senhor Deus sobre todas as coisas. Dedicamos nossas vidas à contemplação divina e ao trabalho incessante para o nosso simples sustento e o máximo bem-estar do nosso próximo. Abrimos mão de todas as coisas terrenas e fúteis. Amamos e auxiliamos todos os seres, sem distinção. Apoiamos os pobres tanto de espírito quanto em recursos materiais necessários. Pregamos a Paz, a Benevolência, a Humildade e o Verdadeiro Amor aos nossos irmãos.”

O santo mudou sua posição na poltrona, ficando com seu corpo bolota grudado ao meu, esquálido, após virar-me sem que eu manifestasse nenhuma resistência.

Ele agarrou-me por trás. Estávamos unidos. Suas mãos a envolver-me o nervosismo e sua boca entre minha nuca e meu ouvido direito. Minha perdição!

“Muitos monges entram para a vida religiosa com a intenção de fugir do mundo exterior, tentando esconder de si, da família e da sociedade a sua real condição sexual. Usam a Vocação, muitas vezes pouco desenvolvida, para enganarem a si mesmos. Eles preferem uma vida de clausura e penitência moral, imaginando assim apagar sua essência original, algo impossível de realizar durante uma única existência de expiações previamente escolhidas.”

Irmão Boreen unia com mais vigor os meus pelos junto aos seus, enquanto continuava sua explanação para o íntimo da minha razão:

“Um monge pode ser homossexual. A opção do celibato? Talvez, já que existem inúmeras maneiras de se fazer o amor. Aprendi que devemos sublimar o amor carnal, pura e simplesmente, e transformar essa energia sexual em amor fraternal. Não há necessidade de penetrações, orgias, luxúrias e decadência. Simplesmente amar por amar, como Ele também nos ensinou, nas entrelinhas.

“Não somos perfeitos e muito menos santos. Só buscamos o equilíbrio máximo de purificação em cada uma de nossas passagens. Infelizmente, como em todo lugar e em toda a sociedade dita civilizada, também cometemos pecados. Há tiranos no poder desde a Idade Média. Há demônios que não são santos a abusar da sua autoridade para submeter membros de pouca experiência de vida e de verdades aos seus caprichos, à sua hipocrisia.

“Não é somente na Sagrada Igreja que padres e pastores cometem deslizes entre si. Há monges que também fazem o mesmo dentro de colégios luxuosos que são sustentados pela hipócrita elite conservadora. Porém, devo salientar que graças aos céus, na boa maioria das vezes, não há a busca do sexo pelo sexo e sim a necessidade de compartilhar o toque, o carinho, o cheiro e a união de corpos, mas sem consumar o ato carnal em si. E tudo em comum acordo, sem impor decadências.”

Eu ouvia, abismado, as verdades daquele homem. E o prazer que eu passei a sentir tomava outro rumo, saindo do carnal e entrando no desconhecido.

“Fons”, ele disse em celestial murmúrio, indo direto até as profundezas não esclarecidas de mim-eu-mesmo. “Não nego a atração física que senti ao lhe sentir aqui do meu lado. Não nego que o meu sexo está em chamas ao experimentar a suave vibração involuntária do seu corpo”, ele tocou em meu sexo.

“Vejo que você também almeja satisfazer o desejo na Novidade. Existem muitas formas de amar um homem fisicamente. Vire-se, vou lhe ensinar uma delas.”

Obedeci. E na escuridão abafada pude sentir o brilho no olhar do santo que não era santo. Ficamos rosto a rosto. Um hálito de menta acariciava minhas narinas sufocadas pelo Medo.

O suor gerado pelo nervosismo e excitação escorria por todos os poros. Senti o beijo sublime, onde uma língua sensível bailava entre meu céu e minha espada.

Um beijo que jamais troquei com outra pessoa nessa vida. Lábios que não pareciam humanos. Língua que alfinetava meu perispírito com a suavidade de pétalas de rosas incandescentes. Calor que aquecia todos os meus nove sentidos, relaxando-me com a melhor das massagens terapêuticas.

Minutos finais que foram transformados em horas celestiais.

O tempo paralisou seu andamento terreno.

Bocas ativas e passivas. Um nirvana que desvaneceu a volúpia dos nossos sexos.

Não precisávamos dos nossos membros. Fazíamos amor apenas com o colar dos nossos lábios nórdicos e a dança africana das nossas línguas bifurcadas.

Descobri a décima segunda e última vertente do Prazer.

Chorei.

Voltamos às nossas posições iniciais, quando atingimos o último quilômetro da nossa jornada. O hálito mentolado ainda permanecia em meus lábios. Um doce frescor acarinhava minha renovada visão de mundo.

Irmão Boreen estava impassível, o corpo relaxado bem junto ao meu, extasiado.

Sua mão direita acariciava com precisão e delicadeza um rosário bizantino. Os discretos lábios fora do Pecado pronunciavam algo que deveria ser uma oração de agradecimento.

Recobrando o senso de realidade, o santo que não precisava ser santo abriu os olhos mancomunado com o sorriso mais cintilante do que as luzes internas daquela noite imperfeita. Não houve palavras. Somente a eletricidade carinhosa do enlace de nossas mãos. Seguimos em silêncio durante os últimos cinco minutos de viagem.

Chegando ao ponto de desembarque, ajudei irmão Boreen com as malas, já que eu carregava somente minha acabada mochila de lona e nada mais.

Um humilde casal todo retraído aguardava o monge. Tia e sobrinho que haviam sido designados para buscá-lo. Notei o comovente carinho do reencontro. Percebi que havia muitos anos que o santo muito santo não retornava ao primeiro Lar.

Eu me preparava para atravessar a rua e seguir a pé até o meu hotel.

Irmão Boreen veio para a despedida. Pousou uma folha de papel em minhas mãos e logo em seguida deu-me um abraço revigorante.

“Cuide do seu corpo e da sua mente. A felicidade eterna é simples de ser alcançada. Basta apenas praticar o Bem e expor Conhecimento!”, ele fechou minhas mãos com o papelzinho oculto entre meus dedos orvalhados.

“Voltaremos a nos encontrar em breve, caro Fons”, ele disse, entusiasmado, apertando minhas mãos de encontro ao seu peito.

“Sinto necessidade de trocar mais experiências fotográficas com você”, Boreen continuou, piscando um serelepe desvio delicioso de conduta.

O homem santo que era divino me deu as costas e entrou no carro que lhe aguardava. Saíram em seguida, ele e os parentes, entre sorrisos e afagos. Perderam-se nas tumultuadas ruas daquela esquecida parte da cidade em cimento, calor e confusão.

“Eu te amo”, estava escrito no papel. “Mas absolutamente nada se anteponha ao amor de Cristo. Que o Senhor nos conduza juntos para a Vida Eterna!”

Comprei balas de menta que um guri me ofertou.

Ao catar algumas moedas do troco e depositá-las no bolso esquerdo do meu indefectível agasalho três listras, fiquei pasmo quando percebi meu saco embebido em goma arábica.

Ri por ter ejaculado “sem querer”.

Boreen, Boreen, seu safadinho!

Segui meu caminho…

… venerando aquela noite abafada.

O Clube dos Ursos

Sou paranoico em relação ao meu equipamento de trabalho.

Naquela tarde amarela de uma terça-feira monótona, capturado na melodia etérea de Elisabeth Fraser que aliciava meu vazio pela enésima vez, eu lustrava com um pano seco e macio o corpo plúmbeo da minha Canon, a guerreira, eliminando marcas gordurosas e poeira e demais resquícios da última sessão de fotos que fiz para minha irmã, ao retratar a peste do meu sobrinho no seu sétimo aniversário.

Em se tratando de fotografia, não suporto clicar gente. Meu negócio é sentir o controle total sobre minhas luzes e sombras a destacar máquinas de sonhos dos marmanjos que nadam em notas de cem. Eu amo documentar automóveis em arte!

O telefone tocou por volta das quatro. Sem pressa, após o quinto bim-blim, debrucei minha voia no sofá de modo a alcançar o aparelho ancestral.

Trinta e nove minutos depois eu já conferia todo o conteúdo da minha mochila. Um novo trabalho estava à minha espera.

Coisas de última hora. Típico.

Como era praticamente um favor prestado a um amigo, não alimentei importância ao contratempo. Eu precisava partir naquela noite.

Dezoito minutos antes do embarque, eu perambulava calmo e aéreo pela rodoviária de Lovland. Deslizando passos curtos, quase zombeteiros, avancei até o guichê número três, paguei com nota alta, recebi minha passagem, conferi o troco, dei meia-volta e retribui um sorriso cansado para o rapaz do guichê número cinco, que me encarava com terceiras intenções, mais uma vez.

Entrei no Pássaro de Prata e caminhei indiferente até a Poltrona 47, meu lugar cativo. Depositei a mochila de lona no bagageiro superior, acomodando em seguida o meu corpo lesmódico no couro vermelho, convidativo, sensual.

Joguei o tempo fora, apreciando o embarque dos demais desalmados.

Assim que partimos, ganhando as ruas de asfalto perfeito da minha idolatrada ilha, mentalizei a criação do que me aguardava ao sul de Pomeroh, a famosa terra dos escritores.

Fui escalado para documentar uma exposição de arte contemporânea, belos frutos da polêmica criatividade de Dimitri e Carlson, um casal gay muito conhecido, influente e respeitado naquelas bandas.

Estranhei o fato de um evento de arte ter sido marcado para as oito e meia da manhã do dia seguinte. Porém, sigo categórico a minha filosofia de trabalho: Jamais questionar as excentricidades dos meus clientes.

Chego ao local combinado, cumpro minhas obrigações com discrição, maestria e perfeição; entrego o material impecável no prazo estipulado e saio com meu polpudo cheque dentro da carteira surrada.

Minha vida é... simples assim!

Enquanto eu buscava Curt Smith no iPod, elevei uma prece sei lá eu para quem, agradecendo a bênção de não ser obrigado a clicar individualmente os restritos convidados (isso era trabalho para um estreante fotógrafo local); apenas o registro das obras a embasbacar os humanos fazia parte do combinado.

Duas ou três paradas estavam programadas para aquela viagem. Eu levaria não mais do que duas horas para chegar ao centro de Pomeroh.

O Pássaro de Prata deixou a ilha oito e sete da noite. Eu esperava que Henrich cumprisse as ordens, me aguardando no outro terminal, conforme eu e Dimitri havíamos acertado pelo telefone.

Henrich, assistente puxa-saco do meu amigo Dimitri, era mestre em "esquecimentos" perante aqueles em que não nutria nenhuma afinidade. Eu seria ignorado, com toda certeza. Não compreendo a antipatia que ele sente por minha patética pessoa. O motivo seria a minha total falta de vontade de comer aquele rabo sem bunda?

A noite seguia seu curso chatoral. Estrelas piscavam frenéticas no manto negro, impreciso. Não vi o pedaço da lua crescente, mas sentia sua presença. Adormeci.

De uns tempos pra cá, quando entro em qualquer coisa sobre rodas, não consigo controlar a quase imediata sonolência.

Acordei com um amarelo foco de luz a queimar meus pesadelos assim que atingirmos a primeira parada. A cabeça latejava pelo mau jeito que meu corpo entorpecera, amarfanhado na poltrona.

Abri os olhos contra vontade. Imaginei ter ouvido um grupo disforme discutindo no interior do ônibus. Levantei com certa dificuldade e caminhei até o universo barulhento, ignorando por completo outros passageiros espantados nos arredores da minha mente caduca: um comportamento típico da minha personalidade esquisita.

Confuso, eu não encontrava respostas para saber como capotei num transe tão pesado. Eu nunca havia dormido pra valer em viagens tão curtas.

Notei algo estranho ao desembarcar. Eu já havia feito dezenas de vezes aquele mesmo itinerário e aquele não era o local costumeiro de uma parada programada.

No lugar do elegante e confortável Giant, aquilo mais parecia um posto de gasolina tamanho medonho, com bombas da Shell espalhadas em duas fileiras porcamente iluminadas por traços imperfeitos de luz fluorescente.

Escondida no meio do nada, acredito que só eu avistei uma casinha tosca pintada de algo que um dia fora branco. Conclui ser uma espécie de lanchonete do Parque dos Horrores.

Vi caminhões de variados tipos e tamanhos estacionados diante da lanchucrute.

Nada de Giant? Tenho certeza que o mesmo tom de espanto perpassou as cabeças dos demais passageiros, pois quase todos cercavam o motorista, exigindo explicações.

Ao chegar mais próximo da medonha balbúrdia, engoli as desculpas imprecisas do coitado condutor:

"Será necessária uma troca de carros...", disse, com voz firme, o comestível Bigode Baixinho.

"Por favor, queiram retirar suas bagagens e pertences do interior do veículo. Dentro de pouco tempo chegará outro..."

O coitado do motorista nem conseguia reformular a decorada frase falha de emergência. Ele era sumariamente cortado pelos Insensíveis.

Não gosto de tumultos. Percebi que no meio daquele protesto improvisado havia o famoso encrenqueiro de ocasião: um homem com pinta de "mamãe, eu queria tanto ser Advogado", banhas vertendo óleo debaixo de um terno surrado, o tecido gasto nos cotovelos, que exigia explicações mais detalhadas do infortúnio causado pelo problema mecânico do nosso transporte medieval. O motorista deixou o idiota tagarelando enquanto balbuciava, via rádio, com a Nave Mamãe.

Entrei no Pássaro de Prata, pequei minha companheira de viagens, certificando-me que tudo estava em ordem e saí o mais rápido possível, afastando minha fragilidade para bem longe daquela tchonguice desnecessária entre gatos pingados, ignorantes, abatidos.

Calculei que haveria bom tempo disponível para mimar o velho Ócio. Minha garganta começava a implorar por sua dose diária de Coca-Cola congelada.

Privado de melhor opção, resolvi investigar a lanchonete *scooby-doo* que deveria servir de esconderijo para malvados e sanguinolentos caminhoneiros carrancudos, desencarnados. Por que só eu detinha a coragem de invadir aquele território?

Ao entrar no recinto parcamente iluminado, recebi as boas-vindas de uma nuvem de Marlboro que aderiu ao meu corpo, enevoando meus instintos.

Diante daquele aroma terrível, quase veio ao mundo o resto do lanche da tarde que ainda fermentava no meu estômago. Tapei a boca num movimento involuntário e segui até o balcão para tentar a compra do meu veneno precioso.

Um ser sombrio, vestindo uma pirateada camisa verde-amarela da Seleção Brasileira de Voleibol, me encarou de imediato. Percebi pelo seu olhar opaco que era alguém de poucas palavras gentis e muita atitude troglodita.

Não consegui lhe definir o sexo: peitos enormes, buço proeminente, braços que certamente esmagariam meu corpo num abraço nada cordial e sobrancelhas unidas que mais pareciam uma taturana entupida de anabolizantes a proteger olhos cinzentos, realmente assustadores.

Pedi meu refrigerante e fui prontamente atendido. Ganhei como brinde uma tremenda frieza e um quarto de sorriso de escárnio.

O vício congelante lavou minha alma.

Após satisfazer minha fresca necessidade, tentei "apreciar" com ânimo renovado os atores ocultos daquele palco abandonado na primeira dimensão abaixo do Zero Absoluto. No fundo do salão, os machos jogavam baralho numa mesa prestes a perder o senso de equilíbrio. Notei que eram Caminhoneiros versus seus respectivos Auxiliares. Divertiam-se num jogo barulhento, cheio de sinais e malícias que não tive tempo, nem saco, de compreender.

Outros dois sujeitos me encaravam com revoltante determinação. Um deles era alto e muito forte, quase uma porta maciça feita de músculos e gorduras muito bem localizadas. Inúmeros pelos loiros acinzentados no peito saltavam do "V" da camisa verde-soldado, desabotoada.

O outro era um pouco mais baixo, pele bem tostada pela vida complicada, dono de uma barriga proeminente e uma barba desalinhada, que me causou pungente desprezo.

Notei putaria no olhar de ambos. Algo estava para acontecer.

Um cochichou no cangote do outro. O sorriso malicioso surgiu no rosto do Barriga. Ele veio – pra lá de decidido! – na minha direção.

"Perdido no fim do mundo?", cantarolou Barriga, envolto num riso sarcástico.

Notei um treco dourado dançando na ponta da sua barba grisalha, enquanto ele – sem autorização – fazia voltas com o dedo indicador nos pelos que despontavam no "U" da minha camiseta Hering.

"Houve um problema mecânico com meu ônibus. Pelo que entendi, acho que vão trocar de veículo", respondi, seco.

Meu olhar não desgrudava da joia reluzente dançando na sujeira aparente daquela fábrica de pelos desgrenhados.

“Eu fiz uma aposta com meu parceiro ali...”, disse Barriga, aproximando seu hálito absinto do meu rosto descorado.

“Ele acha que você não aguenta o instrumento dele inteiro na sua boca”, a mistura de excitação e medo ao ouvir tamanha audácia quase travou meu coração.

“Diga ao seu amigo que eu só transo com homens... de verdade!”, fulminei meu pretendente do outro lado com um olhar incapaz de convencer ninguém.

“Não estou interessado em qualquer coisa que possa existir debaixo daquele jeans imundo”, apontei o oponente, distribuindo meu olhar mais nefasto.

“Hum, sendo assim, então… sou eu a te possuir, combinado?”, cacarejou Barriga, visivelmente excitado, acariciando o membro que latejava atrás do trapo de pano que lhe cobria as partes baixas dos férreos músculos pelúdicos.

“Pois eu sou um homem de verdade e posso fazer você urrar de prazer ou dor quantas vezes eu quiser”, Barriga bradou, enquanto alisava suas bolas metálicas.

Disfarcei minha atenção no resto de Coca-Cola quente que ainda existia na garrafa, desprezando assim o sujeito que me causava nojo e inquietação.

Joguei uma nota de cinco sobre o balcão, apanhei minha mochila entre meus pés e meu lazarento instinto sexual arrastou-me ao banheiro, encontrado sem dificuldade nas laterais do vapor nicotinoso.

Pra variar, o local era imundo, emanando urina milenar.

Desaguei o que devia no vaso sanitário esverdeado.

Ouvi um barulho de porta sendo aberta. Eu não estava mais sozinho.

Barriga e seu comparsa entraram juntos. O Porta ficou na porta, impedindo a minha retirada estratégica daquele cubículo.

“A gente quer você!”, senti o gasolínico hálito agora azedo do meu admirador pontiagudo.

“A questão é que talvez eu não queira nem ele, nem voc...”, sua boca invadiu a minha, impedindo-me de liquidar o jogo de máscaras.

Senti uma língua babosa me possuindo, enquanto mãos estúpidas estapeavam com força todas as minhas nádegas indefesas.

Barriga virou-me violentamente e meu semblante cadavérico encontrou a frieza dos azulejos azuis daquele recinto fétido. O sexo volumoso brigava com a pança enorme pelo direito de abocanhar o meu traseiro assustado. Virei o rosto em direção à saída. Porta se deliciava com a cena, massageando por sobre o jeans gasto aquele seu incrível instrumento de arregaçar poços artesianos.

Não sei por quanto tempo ficamos naquela esfregação.

De repente, Barriga se afastou do meu corpo, mas permaneceu segurando com firmeza um dos meus braços.

“Venha, rapaz”, ele disse, quase que num grito, transpirando em bicas.

“Vamos mostrar ao Escolhido o que é uma foda de responsa!”, notei o brilho do pecado em seu olhar catatônico, quando consegui virar meu esqueleto de frente àquele que desejava me arruinar.

Captei um sorriso malicioso do Porta, que não parava de ajeitar seu sexo indomado por dentro da calça em fim de carreira.

Barriga e Porta trocaram um sinal visual e uma senha fonética, ambas incompreensíveis para mim. Porta abriu a porta, deixando a passagem livre para todos nós.

Segurando minha mão sem nenhum constrangimento, quase a esmigalhar meus dedos chocados, Barriga e eu desfilamos no apertado e fedorento salão.

Uma nova troca de olhares e sinais foi depositada no ar, agora na direção dos caras que jogavam baralho.

Assustadoramente submissos, todos se levantaram em perfeita sincronia, seguindo em fila indiana para outro vão nos noturnos secretos daquela espelunca.

O extraterrestre que cuidava do balcão gargalhava, entrecortando versos de Jean Genet. Notei em sua fuça que a festa estava só começando, onde os canibais aguardavam a chegada da carne fresca, já salgada no ponto exato para ser chamuscada nos pelos do inferno-montparnasse.

Adentramos numa esticada sala vertical, iluminada somente com uma fonte de luz vermelho-alaranjada. Havia uma descomunal mesa baixa ao centro. Um rapaz gordinho estava sentado num banco de madeira ao lado do móvel rústico. Seu olhar temeroso e submisso evitava a todo custo o meu olhar surpreso, espantado, vidrado.

Na minha direita captei outra sala, bem iluminada, e ouvi som de água corrente. Nesse momento, Porta havia retornado, estampando um sorriso de filhadaputa satisfação. Chegou seu rosto transparente próximo ao meu, cinábrio, e seu hálito de alcatrão cuspiu em meu ouvido esquerdo:

“Agora ficaremos a noite toda no prazer, meu querido, pois seu segundo ônibus – ele ria, eu tremia – o último veículo que certamente rondaria paralelo ao nosso clube, já partiu.”

Eu odeio que me chamem de querido. Expressão falsa do caralho.

Uma mistura bem balanceada de pânico, satisfação e alívio trespassou minha mente.

Barriga, vidrado, abraçou minha inquietação e sussurrou num alemão truncado e defeituoso, agora para as asas quebradas da minha alma, algo mais ou menos assim:

“Ele disse que você não estava passando bem e que nós levaríamos o Dodói num posto médico próximo daqui… mas a porra do posto mágico é aqui mesmo! HA, HA, HA!”

Os dois trocaram nova sequência de sinais adolescentes só com um olhar. Aquilo deveria ser comum entre eles.

Eu não encontrava parâmetro para questionar aquele teatro surreal. Travei minha razão e deixei meu corpo faminto e minhas baixas sensações assumirem o cenário embebido em medo, magia e luxúria.

Num ritual muito bem ensaiado, Barriga e Porta afastaram-se de mim.

Com sinais feitos com as mãos estampando dedos graxudos, prontamente dois ursos mastodontes ficaram ao meu lado, agarrando meus braços, conduzindo-me para a sala da água corrente... elétrica!

Enfiaram-me debaixo de um potente chuveiro, onde um jato de *águantarctica* acima do limite tolerável asfixiara de vez Dona Razão, preparando-me para o abate cerimonial.

Mãos peludas e pesadas, sem um pingo de sensibilidade, massageavam meus orifícios com uma pedra de sabão azul. Logo eu estava envolvido por uma espessa camada de paupérrima espuma corrosiva.

Dez dedos ágeis beliscavam minhas coxas e subiam a tortura na direção do meu peito cabeludo, passando rapidamente os devidos choques através das minhas costas lisas, terminando as ações agressivas na minha cabeça magnetizada, ensaboando com estupidez todos os meus ralos cabelos eriçados.

Um novo jato de água levou embora aquela espuma branca, tingida de carmim. A dor e o assombro me fizeram compreender e aceitar meu alinhavado desafio.

Sentia-me como que renascido, preparado para o sacrifício no evento anual dos lenhadores embrutecidos. Desvendei que eu deveria ser consumido por todos na outra sala, naquela noite sem fim, só recomeços.

Meu corpo, repleto de hematomas, não foi enxugado.

Encharcado, frio e fumegante, exalando sensualidade e temores, fui conduzido como uma virgem medieval a flutuar direto para o altar.

A visão que preencheu minhas retinas incrédulas não poderia ser mais excitante.

Fiquei desvairado ao confirmar treze machos nus. Uma celestial muralha de pelos e músculos e coxas e barrigas rígidas rodeava a grosseira mesa de arruinada madeira escura.

Os dois homens que me banharam, numa sincronia absurda, elevaram meu corpo leve, depositando minha incredulidade sobre o tampo de cortes imprecisos.

Enfim, era muito bem servido o prato principal.

Uma nuvem espessa de nicotina e alcatrão proporcionava um toque lúdico ao local. Oito homens estavam estrategicamente espalhados em volta do altar de madeira maciça. Os dois que prepararam meu corpo juntaram-se a nós. Os carniceiros ao redor da churrasqueira trajavam somente meias brancas e reluzentes botinas escuras, sendo a maioria pretas.

Nus em prata, Barriga e Porta ficaram como que guardiões da entrada, assistindo de um ângulo privilegiado o Grande Espetáculo Pelúnico.

Ao comando grunhido por um urso mais velho que estava bolinando meus pés, mãos truculentas começaram a acariciar todo meu corpo eletrificado, menos meu sexo acabrunhado.

Gemidos beijavam Dom Fanatismo. Palavras roufenhas em alemão e italiano, impossíveis de ser traduzidas, eram proferidas em decibéis histriônicos.

Mantras excitados misturavam-se no ar purgatório.

O ursinho que eu havia visto tomando conta do palanque assim que entrei, encontrava-se rente ao meu mamilo esquerdo, acariciando meus cabelos desgrenhados e secando o suor do meu rosto com um tecido amarelo, embebido em algo oleoso, onde o fedor lembrava um querosene cítrico.

Era um guri insosso, com não mais de dezenove, máximo vinte. Notei em seus lábios um desejo quase insano de velcrar aos meus. Permiti o beijo romântico, fora de esquadro. Sua boca delicada preencheu meu último entalhe vazio.

O chefe dos ursos, aquele que aparentava ser o mais velho e o mais sábio, subiu na imponente mesa baixa, engatinhando aos trancos até encostar seu saco carregado de euforias no meu sexo alucinado.

Ele esfregou suas bolas espinhentas sobre meu pau rugoso, onde as duas pareciam beijar-lhe a base, o corpo e a cabeça, numa coreografia amadora a comemorar a boa colheita.

Os outros peludos continuavam a acariciar suas bolsas com uma das mãos, enquanto com a outra balançavam seus caralhos em movimentos impolidos, descompassados.

O chefe dos ursos engoliu meu sexo, apertando com força meus bagos, endurecendo ainda mais o membro altivo que finalmente explodia em sua esplêndida rigidez.

O ritual continuava, entre urros e delírios neandertais de uma turba alucinada.

De repente, várias bocas avançaram rumo ao frescor da minha carne inflamada. Línguas e dentes e saliva fumosas percorriam toda extensão do meu ser.

Ursinho virava minha cabeça com um intenso carinho isento de contexto, buscando novamente minha boca seca, sufocando-me com seus beijos delirantes, imprecisos.

Presumi que aquela era a sua especialidade, pois jamais eu havia experimentado um beijo tão carente, repleto de citações novelísticas.

Sob um estalar de dedos, meu espanto foi rodopiado por muitas mãos.

Urso Velho puxou-me pela cintura. Eu fiquei de quatro, rígido, na expectativa de um novo comando. Ele rapidamente entrou em mim com sua língua prática, sem rodeios, apenas estocadas violentas em linha reta, onde sua viga superior mordia e chupava e perfurava meu cu de raras pregas.

Todos apreciavam a cena, apatetados com a destreza do mestre, socando com mais força seus membros para cima e para baixo, às vezes do lado. Pude notar que Barriga e Porta também manipulavam suas vigas bem expostas, encantados com a reprise do capítulo invernal.

Enquanto Urso Velho me possuía com a boca, ninguém ousou chegar perto de mim. Todos babavam a uma respeitosa distância.

Ursinho saiu do seu posto, abrindo uma embalagem de preservativo, aderindo – com a boca – a borracha com maestria no cacete arrogante do seu dono majestoso.

Fui perfurado sem piedade, em uma única investida.

A dor pungente misturava-se ao prazer tão aguardado. Urso Velho urrava e me varava. E todos assistiam calados, gemidos ocultos, vidrados com o desempenho do Pelo Comandante.

Quando meu anjo da guarda finalmente se suicidou, entrei no clima do jogo. Comecei a gritar e a gemer com aquele velho a comandar meus rebolados sensacionalistas. Quanto mais eu berrava, mais ele me empalava. O suor dos nossos pelos selava de vez a total união. Não demorou muito tempo para eu sentir a demência do seu jorro a invadir meus domínios esfarelados.

Enquanto gozava, ele surrava as minhas nádegas com suas mãos calejadas, típicas de um anônimo trabalhador braçal. Eu mordia seu caralho com meu cu metamorfoseado em piranha assassina. Essa era a minha especialidade.

Urso Velho abandonou meus flancos. Saltou da mesa empastada para o chão poeirento. Tirou o preservativo cheio da essência, jogando-o num canto escuro não identificado. Ele escarrapachou sua vitória no chão descascado, ao lado de Barriga e Porta. Um novo estalar de dedos indicava que a audiência poderia terminar o serviço.

Meu corpo foi esmagado com precisa violência sobre a madeira escorregadia. Varas açoitavam minhas faces, procurando lugar privilegiado na minha boca boquiaberta. Vigas riscavam meu rabo incandescente, abrindo o portal para um deleite coletivo.

Fui penetrado, chupado, mordido, acariciado e idolatrado centenas de vezes. Num rodízio infinito, cada um invadia meu espaço à sua maneira, sem roteiros, sem frescuras, sem rodeios. Estocadas leves e carinhosas eram invertidas a todo o momento por outras mais selvagens, vigorosas, ignorantes. Caralhos imprudentes davam lugar a cacetes esforçados. Eu assumia posições inimagináveis diante daqueles Pelos Templários. Três ou quatro sexos simultâneos disputavam todos os orifícios do meu perispírito, enquanto bocarras peludas, línguas lixantes, salivas corrosivas, unhas enegrecidas e golpes estúpidos moldavam a nova geografia da minha carne pecadora.

Enlouqueci. Saí de mim. Entrei no vigésimo quarto transe.

Fui possuído de todas as maneiras fisicamente impossíveis.

Na minha cabeça estropiada, horas se misturavam aos dias que passavam em minutos. Suores, pelos e odores fodiam-se na fumaça das cervejas, cachaças e cigarros vencidos. Apesar da exaustão, eu queria mais. Podia mais. Resistiria muito mais.

* * *

Terceiro estalo de dedos.

O chefe dos ursos levantou-se do chão e bailou até nosso círculo pentadiagramado. Todos pararam de me tocar, inclusive o negro delicioso que me usava naquele instante retirou com pressa seu mastro afiado, destroçando o que restara da minha última prega de estimação.

Comandante juntou-se a nós. Seus cadetes voltaram a rodear um Fons baqueado. Porta e Barriga permaneceram grudados na entrada do salão. Urso Velho iniciou uma punheta e foi logo seguido por seus companheiros.

Meu rosto foi virado à esquerda com deliciosa agressividade. Ursinho se masturbava, puxando minha cabeça de encontro aos seus lábios finos. Troquei o beijo mais longo da minha existência.

Com minhas pernas travadas num “V” escalafobético, um oriental parrudo fistava meu cu arreganhado com a complacência de quatro dedos maquiavélicos. Meu rabo era promovido para o status de Buraco Negro.

Com diferença de segundos, todos os ursos jorraram o Leite Sagrado sobre mim-eu-mesmo. O êxtase explodia seu alarido, confirmando a merecida vitória. O Prazer

assombrava a sala alaranjada. Minha alma foi lavada pela mais pura essência humana: amornada e gelatinosa e profana.

Ursinho parou de me beijar, levantando-se apressado, jorrando seu líquido ralo sobre meu cavanhaque embaraçado. Eu não havia gozado.

Todos se afastaram de mim, exceto um polaco enigmático, compenetrado, dono de músculos cobertos de pelos curtos, pontiagudos, dilacerantes, que com suas mãos incrivelmente belas e suaves moldava minha nova carne em movimentos lentos e circulares, espalhando os litros de sêmen sobre meu peito peludo e minha barriga sem barriga, enquanto minha garganta era açoitada por uma cabeçorra melada a aniquilar minhas cordas vocais.

Que pica era aquela?

Por causa da massagem robótica, esgotado, nauseado e feliz, quase desmaiei.

* * *

Meu batismo clamava por um banho pérfido.

Meu anseio, enfim, foi atendido.

Porta aconchegou meus restos em seus braços, levando-me para o banheiro iluminado. Olhe para a luz, Caroline!

No caminho, admirei os pelados peludos fumando, uns deitados e outros sentados no chão, ainda em transe, espalhados pelos cantos da masmorra.

Ursinho esparramou suas gorduras enlameadas sobre o altar onde eu havia sido devorado nas últimas horas. Ele manipulava os próprios mamilos, a boca a gemer frases quebradas em alemão.

Barriga entrou conosco no banheiro. Sentou na privada amarela sobre o tampo de cor rosa, enquanto Porta me presenteava um trato todo especial.

Suas mãos ensaboavam minha carne amaciada e sua boca fazia maravilhas nas redondezas das minhas orelhas alertas. Seus carinhos encantaram minha língua e prontamente retribui seus beijos.

Um arisco bigode molhado fazia cócegas sobre minhas dez faces, provocando arrepios e contrações na minha boca mimada.

Porta conduziu com ternura minha mão direita, fazendo-a agarrar seu sexo. A barra de aço era monstruosa de tão linda. Entendi o significado oculto entre o Belo e a Fera.

A circunferência e a rochosidade eram tão desconcertantes, que destilei um pânico visível ao imaginar meu buraco flácido e estropiado ser penetrado debaixo da chuva fria. Por sorte ou azar, Porta não dava sinais de querer me possuir ali.

Continuamos nossos beijos. Ele forçou minha cabeça em direção ao seu sexo. Com dificuldade constrangedora, abocanhei a tora menos que a metade, abrindo o máximo de passagem que meu maxilar aguentava. O gosto daquele membro era especial. A água abrandava os limites. Aos poucos eu fazia sumir e reaparecer a segunda torre.

Eu chupava Porta e Barriga socava sua punha, algumas vezes empurrando o caralho nos arredores da minha boca pingante, buscando uma fresta na fodaria, sorrindo com malícia para mim-eu-mesmo.

Porta puxou minha cabeça, fazendo com que eu elevasse minha língua pelo caminho da felicidade até encontrar novamente sua boca de dentes amarelos e seu bigode em tons alourados.

Virou o enorme armário em direção da parede, abrindo com as mãos as nádegas rosadas. Lubrifiquei meu sexo com o sabão lázuli. Sem barreira alguma adentrei na penumbra do seu interior sulista.

Barriga calculou o terreno e procurou o caminho certo para se encaixar em mim.

O sanduíche entre sarristas pecadores estava muito bem formatado. Três ursos unidos em sincronia dentro de um mísero metro quadrado. Os pelos loiros, negros e grisalhos contrastavam com o tom de nossas peles brancas e rosadas e tostadas.

Após vinte e tantos minutos, retiramos nossos sexos de nossos corpos. Trocamos um beijo triplo, enroscando nossas línguas numa trança que se opunha à razão. Ejaculamos sincronizados. Arrebatados, apreciamos nossos lindos filhos aleatórios escorrendo pela imunda parede quadriculada.

* * *

Barriga e Porta me deram carona em seu caminhão até meu destino final.

Adormeci no ombro direito de Barriga. Porém, sua barba estranha produzia inúmeras cócegas em meus arredores, despertando-me em ligeiros sobressaltos durante boa parte do trajeto.

Invadimos uma Pomeroh dorminhoca quatro minutos depois das seis da manhã.

Na frente de uma simples pousada, onde notáramos que não havia ninguém visível na recepção, antes de abandonar o International vermelho-estou-aqui-e-sai-da-frente, troquei um longo abraço-urso com meus novos amigos-amantes.

Eles seguiriam viagem até Portelo, a trocentos quilômetros de onde estávamos.

Barriga entregou-me um cartão da empresa na qual prestavam seus serviços, onde no verso havia anotado os números telefônicos do casal peludo.

Ao descer até a calçada e me aprumar para a realidade de mais um dia igual ao outro, Porta atropelou seu amado, esticando o braço para fora da cabine, entregando-

me também outro cartão junto com minha mochila. Nele estava impresso uma espécie de código.

"Os primeiros números indicam as datas em que nos encontramos no 'clube'", disse Porta, o Sorriso Escancarado.

"E logo abaixo está o e-mail do chefe… para confirmação da sua presença em nossas reuniões", emendou Barriga, e um maravilhado sorriso cretino invadiu aqueles rostos talhados pelo Tempo.

Sussurramos um adeus com uma viril troca de olhares satisfeitos, acenos triunfantes e sorrisos sinceros.

Entrei na pousada e vi um querubim alemão cochilando atrás do balcão de granito. Um toque sonoro com a palma da minha mão sobre uma pilha de papéis o fez despertar dos seus sonhos eróticos. Enquanto eu preenchia o cadastro da minha curta permanência no local, o impaciente loiríssimo aguardava para me entregar as chaves do quarto.

"Preciso tomar um banho e descansar um pouco. Fiz uma longa viagem", eu disse ao recepcionista, procurando engatar um pouco de papo normal.

"Vou tirar uma breve soneca. Você poderia me acordar por volta das sete e meia, quinze paras as oito?", demonstrei meu melhor sorriso ao sonolento prestador de serviços.

Um sinal de positivo foi tudo o que recebi em troca, seguido de um sorriso jocoso, plugado no automático.

Ao entrar no quarto simples e aconchegante, depositei minha molenga mochila sobre a cama dura. Permiti o despencar do meu novo corpo sobre o gasto colchão de molas.

Ao encarar meu Motorola, havia setecentas mil mensagens desesperadas do tipo "Porra, onde está você?". Imaginei a estampa de um "Eu não disse que ele não vinha?" grudada na odiosa fuça cenoura de Henrich.

Tirei do bolso do meu agasalho os dois cartões que me foram entregues pelos endiabrados anjos peludos. Notei uma textura discreta no cartão que Porta havia me dado. O relevo tinha a forma de uma pata de urso. Sorri em silêncio, relembrando os momentos vividos durante a exótica madrugada.

* * *

Setembro. Confiro a data de uma nova reunião.

Quem será a próxima vítima?

Logo, logo, eu vou descobrir.

Já que agora eu faço parte, com orgulho,…
… do Clube dos Ursos.

Três... é demais?

Dor mais Angústia. Resultado? Prazer. A mistureba de sensações contraditórias dominam meus anseios. Eu quero mais. Muito mais!

Foi como usar uma droga poderosa, viciante logo no primeiro trago. Eu preciso… agora!

Não importa. Eu tinha que viver tudo o que você leu até aqui. Não me arrependo do que fiz. Aliás, jamais cultivo neuras ao relembrar meus tropeços pelo caminho. Faria tudo outra vez. Ou talvez não... não sei. Depende só de você!

Estou confuso. Preciso dormir. Antes que o segundo sol dê as caras.

* * *

Os primeiros raios penetram o lado esquerdo do meu quarto.

Estou sozinho na minha cama, meu reinado absoluto.

Inspiro fundo. Abro e fecho os olhos. Tento colocar o mínimo de ordem nos espasmos dos últimos neurônios. Preciso revelar a você os pormenores do que me ocorreu. Minhas mãos tremem entre as teclas do *Powerbook*. A digitação é golpeada a passos retardados. Os acontecimentos recentes apunhalam as entranhas do meu vazio repleto de inerências. Eu sei, eu sei: a última página do meu diário eletrônico precisa de um final feliz.

Final feliz?

Talvez amanhã eu já não queira recordar boa parte dos detalhes, já que sou mestre em me ocultar de mim-eu-mesmo.

"Vamos lá, coloque tudo para fora. Agora!"

Voltei a digitar, antes que a campainha resolvesse acordar e malas e cuias arrombassem minha porta.

* * *

Eu estava na praia de Gobsun, a mais bela de Lovland, fotografando três Subarus. Acredite, apesar da grande experiência que carrego, foi um dia estranho de trabalho insano. Eu e meu assistente fomos manipulados pelos caprichos da Natureza. Ou era o Vento Sul a brincar de cobrir carros e lentes e minha recente careca com a areia fina. Ou nuvens morféticas resolviam eliminar a luz precisa do meu sol glorioso, impedindo assim uma boa exposição das futuras fotos do jeito, contraste e ângulos que eu havia planejado.

Uma vez concebido, eu jamais altero meu conceito de Arte!

No meio da tarde, suportar meu "bom humor" não era para qualquer um. Foram inúmeras as situações em que minha tromba criava sulcos profundos nas areias creme.

Eu assumo que sou excêntrico demais no ofício de fotografar quatro rodas.

Encontrei o meu limite no último segundo bem iluminado pelo astro rei naquela quinta-feira maldita. As imagens finais foram moldadas no meu visor por pura intuição.

Chega! Surtei, entreguei os pontos. Eu queria voltar para minha casa.

Lou, meu assistente pra lá de paciente e sarcástico, assumia o controle de tudo: ligando para o pessoal da concessionária vir buscar os veículos, guardando e embalando minhas tralhas, além de me incentivar efusivamente a encher a cara e hibernar minha rabugice pelos próximos oito milênios.

"... de preferência, sem respirar, meu amor...", ele completou, cacarejando trejeitos de certo alguém que ele sabia que eu condenava.

Segui até o pequeno chalé que nos fora alugado para funcionar como quartel-general daquela produção.

Tomei um rápido banho. Escovei os dentes até sangrar as gengivas. Besuntei partes estratégicas da minha pele pimentão com o venerável Nivea.

Sou neurótico quanto à minha higiene corporal. Já a mental…

Isolado, sozinho, fora de mim-eu-mesmo, estanquei por tempo ignorado, jogado numa poltrona tufada demais, entornando uma revigorante sequência de cinco garrafitas de Budweiser.

Mais "feliz", peguei as chaves de casa e a inseparável mochila de lona com parte dos meus pertences, abandonei o chalé, dei um "tchau" para Lou e os rapazes da Subaru e rumei além do profissional, imaginando as delícias do meu quarto triangular.

Ignorei a carona de Lou e resolvi de último instante voltar para casa de ônibus. Eu queria ficar um pouco sozinho, observando paisagens gaussianas.

De acordo com o responsável pelo local – que só aguardava minha turma ir embora para também dar no pé –, por volta das sete passaria um circular que me levaria até o outro lado da ilha.

Imaginar que uma das paradas ficava a menos de vinte metros da minha reformada residência. Que delícia!

Atravessei a rua e plantei continência no ponto mais próximo.

* * *

Nossa… o filho de uma égua vesga tinha razão!

Quando bateu quatro minutos para as NOVE da noite é que surgiu um saltimbanco veículo prateado.

Por sorte, acho que o motorista teve pena da minha insignificante solidão. Ele me alertou que não passaria mais nenhum ônibus de linha naquela noite, mas que poderia me dar uma carona, sem problema algum, até o pé da ilha. A típica gentileza loveana.

Entrei. Agradeci. Insisti em pagar minha passagem ao bigodão de cara amuada.

Sumariamente ignorado, enfiei a nota no bolso e fui sentar na já tradicional Poltrona 47.

Nem prestei muita atenção nos porcos pingados que estavam no ônibus que cheirava óleo e graxa e frustração. Fazia um calor sufocante, fora de época. Abri não só a minha janela como também a do lado oposto da minha fileira. Num veículo sobre rodas, sem um ar forçado a rabiscar meu cavanhaque, eu entro em pânico!

Enquanto estava em pé, me toquei que no interior daquele camburão barulhento havia somente alguns funcionários – devido ao uniforme azul anil – da própria empresa do Pássaro Prateado.

Na metade do caminho, em uma das paradas normais, um grupo de seis pessoas desembarcou. Permaneci somente eu, o motorista e mais dois empregados.

Um dos rapazes falava muito alto. Contava as desventuras de sua vida profissional. Dizia impropérios sobre alguns colegas de trabalho. E, é claro, “metia o pau” na diretoria da empresa. Na minha privacidade, eu ria daquela situação. Em sonoros pensamentos, eu achincalhava o seu péssimo português misturado com sua língua materna, o alemão.

Quase apagando, fiquei imaginando o que seria de mim-eu-mesmo se aquela condução não tivesse me salvado. Ligaria para Lou e aguentaria os seus escárnios?

Porra, quem manda querer isolamento do mundo e se mudar para os calcanhares de Lovland? Por que será que eu não sei dirigir?

Durante a viagem, a noite avolumava a tensão do seu bafo salitre. Tirando a posição privilegiada e obviamente necessária do motorista, não conseguíamos ver nada nas laterais da estrada arenosa.

Em uma curva aberta, o ônibus deu um tremendo tranco. Todos nós gritamos de espanto, cada um com seu trinado característico. O hábil motorista conseguiu encostar o veículo na boca de uma trilha quase apagada, à direita da estrada principal.

Oh, Céus. Estávamos relativamente tão perto das nossas amadas cavernas!

O primeiro pensamento que me ocorreu foi que naquela hora, naquele trecho, era improvável alguém trafegar de pura vontade por ali. Ainda mais numa região sem casas de veraneio ou comércio; um pedaço praticamente esquecido fora da temporada.

Oh, Vida. Ninguém merece passar por isso!

A porta foi aberta e os três homens foram verificar o que havia ocorrido. O debilitante cansaço etílico impedia os sentidos de ordenarem meu cérebro a tomar alguma atitude sensata.

Oh, Azar. Eu poderia até caminhar pela praia. E se a maré subir, subir e subir?

Chega de pensar sandices.

Levantei-me com uma puta má vontade e conduzi minha cara amarrada para fora da lata velha.

Vi o trio debatendo sobre o acontecido. Uma portinhola lateral estava aberta na bunda do possante. O motorista mexia em cabos e velas e fios e correias. O rapaz de voz potente segurava uma lanterna capaz de iluminar um estádio de futebol.

Eu fiquei ali, tontificado, trombudo, impaciente, acompanhando a patetada em revoltado silêncio. Que saudades do meu Lou e seu Ford Fiesta cor de abacaxi!

Finalmente alguém notou que eu existia. Um dos empregados, o moreno, rodava o corpo em várias direções, sem sucesso. Irritado com a ausência de sinal no seu aparelho, perguntou se eu tinha um celular… com bateria!

Mordendo a língua para não rir, fiz um "positivo" com a cabeça.

Sem piar uma só palavra, voltei para o interior do estropiado veículo machucado, a fim de caçar o aparelho perdido na minha mochilona.

De volta à reunião de cúpula, entreguei o diminuto Motorola ao empregado. Ele me agradeceu com um sorriso apagado e discou rapidamente os números da Central de Apoio.

O outro cara – o que possuía um vozeirão – tagarelava com o motorista. No calor da discussão sem final feliz, descobri que o gritante era borracheiro, o moreno era eletricista e nenhum entendia bulhufas de motores e transmissões!

Ambos discutiam o sexo dos anjos mecânicos. Eu, sem entender patavina daquele dialeto de porcas e parafusos aprendido em cursos por correspondência, permaneci recostado na lataria fria do Pássaro abatido.

"Bom, pelo visto… acho que ficaremos umas dez semanas aguardando o maldito resgate", resmungou o sujeito que estava com meu celular, devolvendo-o para mim e novamente me presenteando com um sorriso cansado, porém perfeito e luminoso em sincero agradecimento.

Nossas mãos tocaram pontas de leve na passagem do aparelho salvador. A rápida carícia de um sujo dedão atrevido sobre as labaredas da minha mão desconfiada disparou sete dúzias de alertas na minha mente putalínica.

Aquele súbito carinho disparatado – que em nada combinava com o surrado macacão e aquela barba acumulada por cem dias seguidos – ganhou dimensões estapafúrdias na minha mimosidade profana.

Após um milhão de minutos em discussões inúteis, impossibilitados de encontrar uma solução mesmo que temporária, os três homens resolveram aguardar passivamente o Resgate.

Agora responsável por dar a luz, ao segurar a tal lanterna monstruosa, apontei o jato iluminado para o centro da lataria, quando meu olhar foi brindado com o rapaz da potente voz retirando a camisa empapada em beatificada água salobra. Ele jogou o traseiro no chão de areia e ficou contemplando as estrelas.

Eu contemplava suas linhas esculpidas em mármore de boa qualidade. Foi difícil disfarçar minhas vontades diante daquele "peitocostal" a queimar meu bom senso.

O motorista, um homem troncudo na faixa dos sessenta, dono de volumosos cabelos e bigode prateados do mesmo tom da pintura do seu objeto de sustento, percebeu minha indiscreta excitação.

"Vamos entrar. É muito mais seguro dentro do ônibus", ele ordenou, sem convencer ninguém.

Seus olhos dissecavam minhas curvas. Percebi que algo muito interessante poderia ganhar vida, texturas e sabores viris a qualquer segundo.

"Vou ficar aqui mais um pouco e aprofundar minha comunhão com Deus", disse o rapaz sem camisa. "Vocês são loucos em permanecer dentro da estufa ambulante!"

Entreguei a lanterna ao dissidente. Entrei e imediatamente fui para a "cozinha". Permaneci sentado, ansioso, mortificado. Encostados na Um e na Três, o motorista e o rapaz do belo sorriso conversavam em tom muito baixo, quase um sussurro.

Aquela reação de cumplicidade entre os dois estava me deixando fora de órbita. O volume cresceu entre minhas pernas e marasquerosos pecados rodopiavam na minha mente bêbada em desejos. Eu não tirava os olhos daquele motorista. Ele retribuía o olhar, agora de maneira intensa, sem disfarçar sua volúpia.

Ambos me desejavam. Eu assumia certeza sobre o inevitável.

A ocasião faz o fodão!

O tempo foi passando. Nenhuma alma sequer atravessara o nosso caminho naquela quebrada esquecida. Meu corpo transbordava suor e luxúria. Eu queria sexo. Em todas as suas variáveis. Imaginava Voz Potente lá fora, sem camisa, mamilos

lambidos pela brisa. Imaginava a piaçaba do motorista arranhando todos os buracos piscantes do meu corpo. Imaginava Sorriso Perfeito cobrindo meus ouvidos de sussurros românticos e calientes. Mas eu não imaginava que viveria uma experiência jamais fantasiada nos meus delírios mais ocultos.

* * *

Ele veio em minha direção.

Começamos a conversar. Perguntou o que eu fazia, qual era a minha idade; se eu era solteiro ou casado. Tontices sociais. A cada cinco palavras expelidas, meus olhos desviavam a atenção daquela boca carnuda, moldurada por um farto bigode muito bem aparado, e apontavam para o seu sexo, que ele fazia questão de manipular por cima da calça azul anil do seu uniforme impecável.

Divertindo-se com minha fome no limite do incontrolável, ele se aproximou, decidido e agressivo, encostando a lateral do membro rígido em meu ombro.

"Pegue", ele disse.

Olhei para o vão no corredor. O moreno estava sentado bem à frente, o olhar fixo em nossa sacanagem. E também manipulava o sexo, que empinava sua beldade fora do macacão. Imaginei os poucos pelos do seu peito em contraste com a fartura negra na parte baixa da sua rude perfeição.

"Pegue", repetiu o motorista. "Eu sei que você gosta. Vamos, abra o zíper. Tire-o para fora. Brinque com ele".

Motorista segurou meu queixo peludo e com os dentes abri a porta do primeiro paraíso. Braguilha arrombada, prontamente minha boca sugou aquela estaca pulsante. O atarracado macho rosado do cabelo prateado gemia e apertava minha nuca de encontro ao seu corpo galvanizado. O suor evaporava em minhas faces. O ar fugia dos meus mistérios. Eu me sufocava em tesão e medo.

"Pare", ele disse, quase num grito autoritário. "Não quero terminar na sua boca."

O moreno de sorriso perfeito já se encontrava ao nosso lado.

"Vamos, faça o serviço no meu chapa aqui", disse Bigode, num sussurro desafiador.

Obedeci, me sentindo o máximo em ser um cliente tão bem tratado pela Companhia. Meus lábios encontraram um novo membro mais do que inflexível, exigindo pronta atenção e excelentes cuidados.

Enquanto eu "atendia" aquele empregado, as mãos habilidosas de Bigode mimavam meu sexo. Sua boca carnuda ora beijava a floresta negra em meu peito, ora lambia as curvas da minha careca máquina um.

"Fique de quatro. Quero enrabar você".

Agora Sorriso Perfeito me conduzia ao próximo nível. Acarinhado para atingir a localização exata, meu rabo posicionou-se à espera da tão desejada perfuração.

Prefiro comer. Mas se a ocasião invocar minha passividade, eu confesso que A-DO-RO dar "de quatro"!

"Ora, ora, cambada de putos de Sodoma. Vocês aí, no maior bacanal, e ninguém me convidou?", a potente voz rasgava o interior do veículo, iluminando a fodaria com a lanterna cegante.

"Bóra comer o viadão!", ele uivou, esfregando as mãos claudicantes, desfocando o feixe de luz e aguardando – sem convencer – a sua hora de participar da farra, enquanto aprumava a camiseta suja de graxa.

"Mais respeito, seu crente de merda, filho da puta. Só estamos aproveitando o momento, numa boa, sem julgar ninguém", impôs Motorista, num tom de voz que estampou oito camadas de pânico na fuça descolorida do rapaz… que ficou afônico.

"Vai chamar mais alguém aqui de *viado*?", uma sorrateira mão pesada apertava com autoridade o pulso de Voz Potente. Só ouvi o som da coitada da lanterna de alumínio rolando sobre o piso de aço.

"Abra mais as pernas, minha delícia!", disse meu carinhoso Sorriso Perfeito, indiferente ao desastrado deslize cometido pelo Inexperiente.

Ele baixou minha calça de agasalho até o inferno. Senti boa cuspida a lubrificar meu cu arredio. Percebi que Bigode colocava um preservativo no membro do colega. Algo me fez acreditar que ambos praticavam há anos o sexo sem compromisso, atuando em conjunto na arte da Grande Fodaria.

Voz Potente afundava em silêncio, ressabiado, visivelmente extasiado com tal cena. Estava na cara que ele nunca havia participado de uma machoruba.

Com calma e muita suavidade, fui sentindo Sorriso Perfeito ganhar todos os acessos, em movimentos experientes que me fizeram ver além das estrelas estampadas no interior do coletivo. Não senti o tempo passar. E nem uma única alma a trafegar pela velha estrada, ali, adiante. Graças aos Céus!

No sexo, acho que sou um cara de muita sorte.

Sorriso Perfeito entrava e saía num balé maravilhado. Seus rebolados sensuais e estocadas agressivas demonstravam muita prática na arte do "meter".

Minhas pernas ficavam sem ossos. Meus receios se esfumaram na escuridão. Eu só sentia prazer. Muito, muito, muito prazer em ser perfurado, observado, desejado. Na mudança de direção, mantendo a mesma posição, fui cavalgado bem no centro do corredor estreito.

"Enfia minha vara na sua boca", disse Bigode, o grande capitão.

Nem esbocei reação. Pois quando percebi, minha língua ferina já cuspira na cabeçorra, enquanto a boca nervosa engolia a seiva daquele membro ditatorial. Em sincronia, buraco superior e buraco inferior controlavam um Urso e um Caçador. Prazer na frente e êxtase atrás. Língua e cu escravos do bom "foder".

Um angustiado Voz Potente continuava em silêncio, apreciando o gratuito filme homoerótico que lixava seu jade olhar sombrio.

Sorriso Perfeito arranhava minhas nádegas. As investidas tornaram-se mais rápidas e dolorosas. Senti suas unhas serrilhadas machucarem minhas costas quando sua explosão expandiu as barreiras do látex. Eu não podia gritar de satisfação, pois minha boca ora mordia, ora engolia ou se sufocava com o outro caralho a promover maciças pancadas na minha garganta (quase lá, quase lá!) profunda.

Na diferença dos segundos, enquanto Sorriso Perfeito ofegava e desabava seus músculos empapados sobre minhas costas arenosas, onde nossos suores se fundiam, criando um doce elixir renovador, Bigode urrava em cortante frenesi, violentando, acima do aceitável, o céu da minha boca. O motorista retirou sua pica raivosa do meu buraco de primeiras entradas, ambos esfolados e ardentes. Com a ponta de língua e dedos, acompanhei suas viscosidades infernais escorrendo no gasto couro vermelho.

"Puta que te pariu", ele gritava, sua respiração ofegante enchia o recinto de melodias sensuais. "Que boca. Caralho. Que boca!", Bigode desabou na 38, orgulhoso e arfante.

Sorriso Perfeito beijou meu pescoço, sussurrou um "valeu, cara, você é demais!" bem próximo dos meus lábios, e abandonou seu posto.

Ele retirou o látex cheio do seu escape, deu um nó de qualquer jeito e atirou o preservativo no meio da estrada.

"Pô, cara. Não tinha outro lugar pra você jogar essa porra?", disse Voz Potente.

Um duplo olhar de fuzilamento dos Brutos Montes que acabavam de saciar seus instintos fez com que o aprendiz retornasse à sua posição inferior.

Sorriso Perfeito fechou o macacão e foi descansar o espírito empanzinado na oitava fileira de poltronas vazias. Motorista limpou seu sexo com um lenço. Enxugou a mão e o rosto com o mesmo tecido. Eu ainda arrumava meu agasalho, quando o homem do bigode prateado troçou uma nova ordem:

"Ainda não acabou, rapaz. Venha até aqui", ele segurou em meu braço esquerdo e puxou-me junto ao seu reinado.

Meu corpo caiu atravessado em seu colo e sua boca sagrada procurou a minha, abençoando-a. Experimentei as benesses de um Marlboro vencido em meus lábios.

Voz Potente admirava, maravilhado, dois animais enroscados na paixão. Ele acariciava as duras bolas do seu sexo tímido.

Notei que havia o desejo íntimo de "participar" daquele cabaré, mas ele não sabia o que fazer, como agir, nem decidir qual a reação mais adequada para fugir de novas reprimendas. Bigode leu meus pensamentos:

"Vamos rapaz, quero ver você 'dar um trato' no nosso amigo virgem aqui", ordenou o fumante ativo.

"Não, eu tô fora. Sai de mim, seu *satânais*. Prefiro ficar só olhando a sacanagem de vocês", ruminou Voz Potente, tentando nos convencer da sua hipócrita indignação.

Mas suas palavras vazias não refletiam seu desejo fora de controle.

Troquei um cúmplice olhar com o motorista safado. Ele deu o sinal de aprovação para os meus atos futuros. Não perdi tempo. Aproximei minha libido até os muros sem alicerce de Voz Potente. Agarrei suas mãos vitrificadas, que estavam úmidas, quase glaciais. Com extrema ternura, comecei a lamber os dedos da sua mão direita. Eu estava honestamente apaixonado… pela situação.

Voz Potente perdeu a reação de defesa. Minha língua percorria cada ponta, cada vão. Engoli seu dedo indicador em movimentos delicados. Percebi que aquilo me abria uma passagem secreta. Sem sustentar preliminares, procurei o sexo de Voz Potente com uma das mãos. Agora seu membro era bem preparado para a nova brincadeira.

Deixei de sugar seus dedos. Busquei um abraço que foi prontamente retribuído (hipócrita do caralho). Senti as arqueadas costas largas e lisas se arrepiarem com a passagem das minhas mãos românticas.

Retraí um pouco meu corpo. Afastei-me de Voz Potente. Trocamos um olhar. Desviei minha atenção para o meu Bigode. Ele umedecia os lábios com a língua tropical. Entendi o recado. Voltei minha atenção para Voz Potente e procurei sua boca. Relutante, ele fugia das minhas investidas, tentando esmurrar a minha superioridade.

"Não vou beijar a porra da sua boc...". Não o deixei terminar a frase.

Eu era bem mais forte do que ele. E não só no lado físico da batalha.

Fiz valer a minha vontade.

Lábios cerrados, Voz Potente percebeu que não sairia dali sem conhecer o beijo único de um macho.

"Fechem as cortinas e você, apaga a porra das luzinhas, caralho!", ele vociferou.

E todos nós começamos a rir, inclusive Sorriso Perfeito, que não aguentou tamanho disparate e soltou a melhor gargalhada da noite.

Na penumbra bem iluminada, Voz Potente entregou os pontos.

Nossas línguas se tocaram. Foi um beijo destrambelhado, carregado de expectativas.

"Deus do céu, me perdoa, oh Pai!", balbuciou Voz Potente, exasperado nas entranhas de uma tarimbada boca masculina, enquanto sugava, mordia, beijava e lambia minha língua, cavanhaque, lábios e a ponta do meu nariz adunco.

O safado que não era mais sagrado se entregou à primeira descoberta com muito, muito, muito prazer. Carente, ele não queria mais parar o suga-suga, lambe-lambe, *smack-smack*.

Filho da puta que sou, retirei meus lábios dos seus, como a indicar total indiferença.

Ele, assustado. Eu, cretino. Trocamos um olhar imaginário. E adiante observamos Motorista a tocar em si mesmo.

"Continuem. Não parem vocês dois!", o diretor exigia mais ação, em gritos sufocados.

Sentado bonachão em seu trono revestido de couro vermelho, ele socava uma vigorosa punheta, enquanto observava Urso Sub e Urso Dom entrelaçados. Minha boca agora procurava queixo, pescoço e mamilos. Mordi e beijei e lambi cada detalhe arrepiado inúmeras vezes.

Voz Potente se contorcia, urrava, xingava, ria, clamava perdão e aceitava. Nós comprovávamos a sua primeira vez… em tudo!

Seus gritos e revoltas aumentavam minha pretensão de possuí-lo cada vez mais. Sem roteiros, meus dentes saltavam dos mamilos para o umbigo, do umbigo para o sovaco, em mordidas aleatórias, imprevisíveis, assustadoras.

Surpreendendo minha vítima peluda, numa só investida, pus abaixo a calça de elástico na cintura, quase rasgando sua indumentária.

Procurei e encontrei seu sexo arredio. E novamente "fiz o serviço".

Voz Potente ofegava e quase não conseguia inspirar o ar vencido do interior do coletivo derrotado. Sorriso Perfeito agora dormia a sono solto, estirado nas poltronas dianteiras. Bigode continuava a manipular seu membro, ambos eufóricos, extasiado com o espetáculo que estávamos lhe proporcionando.

"Fode o cu dele. Fode o cu dele com a língua!", gritou Bigode, adivinhando aquilo que me cega de prazer numa relação de sexo com outro homem.

Encarnado num capeta andrógino, eu revirei o corpo de Voz Potente com uma acéfala estupidez além dos meus limites.

Curiosíssimo, assumindo ser um Sub bem dedicado, ele havia se entregado aos meus cuidados sem qualquer indício de resistência. Abri suas pernas finas. Agacheime diante do Novo. Senti o aroma da borracha nos tecidos logo abaixo de mim-eu-

mesmo. Degustei o cheiro de suor na peça íntima depois de um dia inteiro de trabalho.

A essa altura, nada era capaz de encadear meu descontrole. O desespero daquele macho só me excitava a níveis alarmantes!

Mordi seu rabo com raiva controlada. Voz Potente engoliu uma centena de gritos arenosos. Minha boca procurava seu ponto central. Saciei todas as nossas vontades com minha língua a penetrar aquele rosado travado, de traços amarronzados, limpo às pressas com meus cuspes laxantes.

Enlouqueci. Saí de mim. A razão evaporou-se por alguns instantes. Quando ela retornou, já não podia fazer mais nada. A minha viga de platina empalava o homem borracha. Eu cavalgava naquele iniciante com toda a fúria do meu ser.

"Mais, filho da puta, quero mais", Voz Potente mordia o couro da poltrona. "Tá doendo, mas não pare. Caralho, Isso é muito bom. Oh, meu Pai, tá ardendo, mas isso é bom demais. A Ti, eu grito: 'Glória, Senhor!'".

Havíamos estraçalhado de vez as contas da Hipocrisia. Entregamos nossas vidas aos desatinos da Luxúria. Sexo sem proteção. Medo com razão. Conflitos em minha consciência, pois meu corpo não aceitava as ordens da alma. Continuei. Fragmentando todas as pregas daquele animal muito bem domesticado.

Eu rasgara o fingimento de Voz Potente. Ele não queria voltar a ser o que não era antes. Ele queria. Eu continuava. Ele gemia. Eu triunfava. Ele chorava. Eu grunhia.

"Como é bom ser viaáááádo!", Voz Potente delirava. "Quero dar meu cu pra sempre", o borrachudo surtava.

Explodi num gozo lancinante. Deixei a marca permanente da minha linda arcada tatuada nas costas de Voz Potente. Ele chorava, incrédulo diante da graça alcançada.

O armário de aço retorcia suas portas, liberando a quinta-essência de um homem pleno, realizado. Retirei meu sexo ainda afogueado. Voz Potente voltou-se para mim e pude notar em sua aura um autêntico "muito obrigado por me libertar!".

Por vontade própria, Voz Potente buscou minha boca, amparando-me num abraço comovente. Trocamos um beijo que nunca mais seria esquecido. Saliva misturada com suor e sal e restos humanos. Corações em ritmo acelerado. Cadeados e correntes eram dissolvidos no piso pontiagudo, aquecido, reluzente.

"Por favor, me deixa terminar na sua boca…", implorou um lacrimoso Voz Potente em meu ouvido, enquanto cobria cada centímetro do meu rosto com selos agradecidos.

Bigode somente nos observava, diminuindo os movimentos em seu sexo vigoroso. Ele sabia que a Revelação teria prosseguimento.

Voz Potente deitou-se entre duas poltronas, preparando-se para o seu grande instante triunfal, selando com bravura o seu intrépido batismo.

Sorriso Perfeito acordara e, sonolento, veio cambaleando em nossa direção.

Ajoelhei-me em oração e pus-me a chupar, engolir e sugar com vontade renovada e honesta satisfação aquele macho que eu havia empalado.

Ele guardara minha pureza dentro do seu corpo. Eu queria sentir a timidez da sua essência a escorrer pela minha garganta gasta.

Direitos iguais. Questão de cega honraria.

Bigode se levantou, ficando ao lado de Sorriso Perfeito. Deu-se início a um desfile de vigorosas punhas incontroláveis entre mãos trocadas.

Agora eu comandava a festa. Três felinos sincronizados com o meu ritmo.

Voz Potente delirava com o rodopiar da minha língua. Bigode e Sorriso Perfeito pareciam ascender a outro plano, onde olhos lacrados e mãos respeitosas dilaceravam os sexos em perfeita harmonia.

"Eu vou gozar. Eu vou gozar. Eu vou goz… Caralho!", urrou Voz Potente.

O seu leite espesso estilhaçou minha garganta, num feixe direto e indolor; a luz invadindo imediatamente minha corrente sanguínea, sem nenhuma gota a ser desperdiçada. O membro que alçara a maturidade perdia sua majestade. Pousei minha cabeça em uma de suas coxas rijas. Esparsos pelos cintilantes produziam cócegas nas minhas narinas roufenhas.

Apreciávamos Motorista e Sorriso Perfeito aumentarem seus impactos. Uma chuva beatificada jorrou sobre meu rosto tarimbado e parte da hóstia liquefeita escorreu nas coxas não mais virgens do falso cristão.

* * *

O resgate chegou uns quarenta minutos após o término da nossa festa particular.

Quando surgiram as luzes amarelas e vermelhas do guincho mecânico, estávamos sentados no chão de areia, na frente do Pássaro de Prata abatido, jogando dominó à luz baixa da robusta lanterna, que havia sido posicionada em cima de uma caixa fincada numa duna próxima ao acostamento.

A fantasia se dissipara de vez. Éramos quatro homens compartilhando com serenidade o nosso destino. Nem lembrávamos mais do incidente com o ônibus decano.

Pelo que entendi, devido a um problema nos eixos (ou algo parecido), não foi possível remover o calhambecão com os recursos disponíveis.

O resgate chamou outro veículo de apoio, que chegou surpreendentemente rápido até onde estávamos. Abandonamos dois mecânicos experientes a navegar nas entranhas do grande pássaro.

Dirigindo uma maltratada Ford Ranger cabine dupla, um sonolento piá deixou cada um dos peludos em suas respectivas residências.

Realmente abismado, descobri que um dos "sobreviventes" morava próximo da minha nova casa. Uma distância pouco maior que duzentos metros separavam nossas privacidades.

Fui o último a ser despachado. Agradeci ao jovem pela carona quando sua picape estacionou bem em frente ao meu jardim em formação, seguindo minhas instruções.

"Vocês ficaram quase três horas naquele fim de mundo jogando… dominó?", questionou o mirrado alemão a destilar um ingênuo espanto.

"Se fosse comigo, eu acho que ia chutar algumas ondas e catava uns peixes na dentada", ele concluir sua linda revolta macholística.

Seu timbre noctâmbulo demonstrava a falta de originalidade. Sorri com leveza e abri a estridente porta corroída pela maresia.

"Sim, meu jovem, aproveitamos para disputar a melhor partida das nossas vidas!", respondi, irônico, ainda mantendo o sorriso automático nos lábios fechados.

Confuso, o jovem acenou-me um educado "boa noite". Aguardei o utilitário ser engolido pela escuridão.

Entrei. Fui direto para o chuveiro.

A cristalina água escalpelante escorria pela minha pele rosada, maravilhosamente açoitada por carrascos de jade. Joguei litros de sabonete líquido com essência de erva-doce em uma das mãos. Ensaboei todo o corpo num insano vigor, como se não houvesse um Dia Seguinte.

* * *

Quatro batidas na porta.

Enrolado numa toalha branca, o corpo ainda umedecido e amornado, tomando uma Budweiser e decidindo o que ia comer, um Fons rabugento e trombudo estava prestes a enxotar aquela visita inesperada. Um Lou preocupado? Impossível.

Tive um sobressalto ao certificar quem era a aparição.

"Será que eu posso entrar?", ele disse.

Meu olhar, boquiaberto, liberou a devida permissão.

Fechei a porta, trancando-a.

Deixei cair a toalha. Permiti o seu abraço fedorento.

O cheiro de um Marlboro recém-tragado invadiu minhas narinas. Sua boca procurou a minha. Ambas desesperadas.

“Como você encontrou minha casa?”, perguntei, atônito.

Ele se desfez da assinatura do trabalho, espalhando a gravata cinza, a camisa branca e a calça azul do seu uniforme pelo chão da sala.

Não havia pronta resposta. Não era imprescindível usar a razão naquele momento.

Seu olhar novamente dissecava meu corpo, que agora estava fresco, limpo, embebido em súbito desejo de reviver a nossa história.

Confirmei o mesmo olhar. Idêntico ao do primeiro encontro.

Ele me desejava… não para mais alguns minutos de…

Ele seria meu amante para sempre, eu tinha certeza disso.

“Pegue”, ele ordenou.

Não obedeci de imediato.

Agarrei sua mão calejada e o levei para o chuveiro.

Novos jatos de água eletrificada envolviam corpos em vidrado arrebatamento.

Com as mãos repletas de erva, cuidei do seu corpo cansado com o merecido carinho. A espuma deslizava em seu peito grisalho; escorria pela sua barriga redondinha, caindo em suaves camadas pelo piso molhado.

“Chupe”, ordenei.

Bigode sorriu e tomou meu sexo em suas mãos, acariciando-o com acachapante respeito. O motorista ajoelhou-se no piso grelhado. Sua boca macia rivalizava em temperatura com o jato de água que esperneava do chuveiro. Fechei os olhos. Autorizei meu anjo da guarda a vaguear pelas redondezas, talvez à procura de algum diabinho disponível para um celestial escape. Eu estava em boas mãos.

“Pare”, eu disse.

“Eu não quero terminar na sua boca”, agora era a minha vez de ditar todas as regras.

Bigode sorriu.

Fechei o chuveiro. Retiramos o excesso de água dos nossos pelos inflamados, durante um esfrega-esfrega que ampliava nossa loucura de união eterna.

Fomos para o meu quarto. Entregamos nossos espíritos combalidos aos antigos prazeres com a complacência da Luxúria, abençoados pela Paixão.

Trançamos nossos pelos no resto da madrugada.

Motorista Bigode Friedbürc me amava. Do seu jeito, à sua maneira.

Uma aventura sem compromissos se transformara num amor inconsequente.

De pensar que tudo começou…
… numa Poltrona 47.

* * *

Era o fim das “viagens”?

Eu ganhei a certeza de que aquela não seria a última partida.

●

●

PROJETO GRÁFICO & EDITORAÇÃO: Moa Sipriano

IMAGEM DA CAPA & TIPOGRAFIA: pixabay.com · dafont.com

SITE OFICIAL & CONTATO: moasipriano.com · escritor@moasipriano.com